



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Ciências Sociais e Humanas

**Violência no Namoro**  
**Adaptação de um Programa de Prevenção em**  
**Jovens Universitárias**

**Joana Andrade Oliveira**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre na especialidade  
**Psicologia Clínica e da Saúde**  
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Professor Doutor Manuel Loureiro

Covilhã, Junho de 2011



## Resumo:

O estudo da problemática da violência nas relações de namoro revela-se essencial, na medida em que as investigações já efectuadas apontam para uma prevalência significativa desta violência entre os jovens e adolescentes bem como a existência de consequências graves quer para a vítima quer para o(a) agressor(a). Devido à relevância da temática, este estudo incidiu sobre a adaptação e aplicação de um programa de prevenção da violência no namoro em jovens universitárias. O programa foi constituído por cinco sessões, que recaíram sobre diferentes áreas, desde os estereótipos de género à violência, assertividade e valores.

Os principais objectivos desta investigação prenderam-se portanto com a adaptação de um programa de prevenção da violência no namoro para jovens universitárias, com a caracterização das crenças das jovens face à aceitação desta violência e com a verificação de possíveis influências do programa nestas crenças. No estudo participaram 20 jovens do ensino universitário (da licenciatura de Psicologia), do sexo feminino, solteiras e com idades compreendidas entre os 18 e os 23 anos.

Para a obtenção dos dados foi construído um breve questionário sócio-demográfico, para permitir uma caracterização dos participantes em questão, e utilizada a Escala de Crenças sobre Violência Conjugal. A partir desta escala foi possível construir uma versão exploratória da Escala de Crenças sobre Violência no Namoro. A escala é constituída por questões do tipo Likert, que apresentam cinco valores possíveis de resposta.

O estudo foi desenvolvido ao longo de diferentes fases. Num momento inicial, e após a construção do questionário e da realização de contactos com os participantes para averiguação da disponibilidade em participar no programa, existiu uma aplicação dos instrumentos (que ocorreu em contexto de sala de aula) constituindo assim o pré-teste. Após esta aplicação foi implementado o programa de prevenção, que decorreu ao longo de cinco semanas. O pós-teste foi a fase seguinte, ocorrendo um mês após a finalização do programa de prevenção da violência no namoro. Uma vez recolhidos todos os dados procedeu-se à análise estatística dos mesmos.

Os resultados obtidos não indicaram a existência de diferenças significativas alcançadas com a implementação do programa, no que diz respeito às crenças dos participantes. No entanto verificou-se que, de uma forma global, a aceitação e a tolerância que as jovens apresentam da violência no namoro é reduzida. Contudo, foi possível aferir que algumas destas jovens já se sentiram vítimas de violência nos relacionamentos de namoro, o que indica a presença desta problemática neste contexto.

**Palavras-chave:** Namoro, violência, prevenção, programa, crenças



## **Abstract:**

The study of dating violence is demonstrating to be essential, because researches has been indicating that the incidence of this violence is significant as well as the existence of negative consequences for both victim and aggressor. Due to the importance of the theme, this study focused on the adaptation and application of a prevention program of dating violence in female college students. The program occurred in five sessions, which comprehend different subjects, like gender stereotypes, violence, assertiveness and values.

The main goals of this investigation were the adaptation of a dating violence prevention program in college students, the description of these girls' beliefs about the approval of this violence, and also explore the possible influence of the program in these beliefs. In this study participated 20 female college students (of the Psychology degree), all of them single and with ages between 18 and 23 years old.

For collect the data it was made a sociodemographic questionnaire, to allow the characterization of the participants, and used the Scale of Beliefs about Marital Violence. From this scale it was possible built an exploratory version of the Scale of Beliefs about Dating Violence. The items of the scale are Likert items and there are five possible answers.

The study was developed in several phases. In the initial moment, and after the construction of the questionnaire and the contact with the participants to know which of them were available for participate in the program, the instruments were applied (during a class), which was the pretest. The next phase was the implementation of the prevention program, which occurred during five weeks. The post-test took place one month after the end of the dating violence prevention program. Finally, and after the collection of all data we proceed to the statistic analysis of it.

The results of this study indicated that there were no significant differences achieved with the prevention program, in respect to the participant's beliefs. However the results showed, in general, that the acceptance and tolerance of the college students about dating violence is low. Though, it was possible to notice that some of the participants have felt that they have been victims of dating violence in some moment in the past, which indicates the presence of this problematic in college population.

**Key-words:** Dating, violence, prevention, program, beliefs



## Agradecimentos

Ao Professor Doutor Manuel Loureiro, por todo o acompanhamento e apoio demonstrado durante a realização deste trabalho. O meu sincero obrigada por toda a disponibilidade, pelas sugestões e correcções concedidas e por todo o conhecimento científico transmitido. A orientação proporcionada permitiu efectuar escolhas mais adequadas e prosseguir um melhor caminho para a construção deste estudo.

A todos os participantes, em especial às jovens que se disponibilizaram a integrar o programa de prevenção, pois sem vocês este trabalho não seria passível de ser realizado. O meu especial agradecimento por tornarem possível a concretização desta ideia.

Aos meus pais, que sempre me incentivaram a dar o meu melhor e sempre estiveram ao meu lado quando o melhor parecia não ser o suficiente. O alcance desta etapa apenas foi possível graças ao vosso investimento no meu percurso académico e pessoal e ao amor e apoio que sempre me demonstraram durante todos estes anos.

À minha irmã, pois como tu não há igual e sem ti tudo perdia valor. Por me fazeres analisar outras perspectivas e obter outros conhecimentos e por saber que em qualquer parte posso sempre contar contigo.

A toda a minha família, por o apoio e o incentivo demonstrados durante a realização deste trabalho. O meu obrigada por a vossa presença mesmo na distância.

Ao Gabriel, por todo o carinho, por todo o alento e por todas as sugestões oferecidas. A tua constante presença e incondicional apoio acompanharam todo este percurso tornando-o mais simples e gratificante. Obrigada por tudo, desde a mais simples das palavras até à ajuda prática e teórica na composição desta dissertação.

Um agradecimento especial à Ana e ao André pela ajuda técnica prestada nos detalhes deste trabalho, que facilitou a sua concretização final.

A todos os meus amigos que nunca me deixaram desanimar e estiveram sempre ao meu lado na concretização deste projecto. Por toda a vossa ajuda no mais pequeno dos pormenores, e por toda a força que me deram. Fizeram desta caminhada uma caminhada muito mais rica e satisfatória.



# Índice

Introdução.....	1
Capítulo I - Revisão da Literatura.....	3
1.1.    O Namoro .....	3
1.1.1.    Caracterização do Namoro.....	3
1.1.2.    Evolução do Namoro .....	4
1.2.    Violência .....	6
1.2.1.    Caracterização da Violência.....	6
1.2.2.    Ciclo de Violência .....	6
1.3.    Violência no namoro .....	7
1.3.1.    Definição.....	8
1.3.2.    Formas de violência no namoro.....	8
1.3.3.    Prevalência .....	11
1.3.4.    Características .....	12
1.3.5.    Causas .....	15
1.3.6.    Consequências .....	17
1.4.    Crenças.....	19
1.4.1.    Contextualização das Crenças.....	19
1.4.2.    As Crenças na Violência no Namoro .....	20
1.5.    Programas de Prevenção .....	21
Capítulo II - Estudo Empírico .....	27
2.1.    Apresentação do Estudo.....	27
2.2.    Método.....	28
2.2.1.    Participantes .....	28
2.2.2.    Instrumentos .....	29
2.2.3.    Procedimento .....	31
2.3.    Resultados .....	32
2.3.1.    Resultados Psicométricos da E.C.V.N. ....	32
2.3.2.    Resultados com base na E.C.V.N.....	34
2.3.3.    Resultados com base em itens tipo Likert .....	40
2.3.4.    Resultados com base nas atribuições de causalidade.....	42
2.4.    Discussão dos Resultados.....	43
Conclusão .....	47
Referências Bibliográficas.....	49



## Lista de Figuras

Figura 1. Fases do Namoro.....	5
Figura 2. Ciclo da Violência Conjugal.....	7
Figura 3. Consequências da Violência no Namoro.....	18
Figura 4. Temáticas e Objectivos das Sessões do Programa de Intervenção.....	28



## Lista de Tabelas

Tabela 1. Caracterização Sócio-Demográfica dos Participantes.....	29
Tabela 2. Variância total explicada após Rotação Varimax.....	33
Tabela 3. Matriz de Componentes após Rotação.....	33
Tabela 4. Teste de Kolmogorov-Smirnov para a pontuação total da escala e dos factores da E.C.V.N.....	34
Tabela 5. Estatística do Grupo para o teste t-student no pré-teste.....	35
Tabela 6. Teste Amostras Independentes pré-teste.....	35
Tabela 7. Estatística do Grupo para o teste t-student no pós-teste.....	35
Tabela 8. Teste Amostras Independentes pós-teste.....	35
Tabela 9. Classificação do factor 1 no pré-teste.....	36
Tabela 10. Estatística do teste para classificação do factor 1 no pré-teste.....	36
Tabela 11. Classificação do factor 1 no pós-teste.....	36
Tabela 12. Estatística do teste para classificação do factor 1 no pós-teste.....	36
Tabela 13. Estatística do Grupo para o teste t-student do factor 2 no pré-teste.....	37
Tabela 14. Teste Amostras Independentes factor 2 pré-teste.....	37
Tabela 15. Estatística do Grupo para o teste t-student do factor 2 no pós-teste.....	37
Tabela 16. Teste Amostras Independentes factor 2 pós-teste.....	37
Tabela 17. Estatística do Grupo para o teste t-student do factor 3 no pré-teste.....	38
Tabela 18. Teste Amostras Independentes factor 3 pré-teste.....	38
Tabela 19. Estatística do Grupo para o teste t-student do factor 3 no pós-teste.....	38
Tabela 20. Teste Amostras Independentes factor 3 pós-teste.....	38
Tabela 21. Classificação do factor 4 no pré-teste.....	39
Tabela 22. Estatística do teste para classificação do factor 4 no pré-teste.....	39
Tabela 23. Classificação do factor 4 no pós-teste.....	39
Tabela 24. Estatística do teste para classificação do factor 4 no pós-teste.....	39
Tabela 25. Classificação dos itens individuais no pré-teste.....	40
Tabela 26. Estatística do teste para classificação dos itens individuais no pré-teste.....	41
Tabela 27. Estatística do teste para classificação dos itens individuais no pós-teste.....	41
Tabela 28. Classificação dos itens individuais no pós-teste.....	42



## **Anexos**

Anexo 1. Consentimento Informado

Anexo 2. Questionário Sócio-Demográfico

Anexo 3. Escala de Crenças de Violência no Namoro

Anexo 4. Manual do Programa de Prevenção da Violência no Namoro



# Introdução

Nos últimos anos em Portugal tem-se assistido nos noticiários à comunicação de casos de violência no namoro, sendo que nos casos mais graves culminam os homicídios ou suicídios. Verifica-se portanto, o crescer de uma visão mais abrangente da violência nas relações interpessoais.

*“A Polícia Judiciária anunciou hoje a detenção de um estudante de 22 anos suspeito de ter matado na madrugada de quarta-feira a namorada, que foi encontrada junto à Barragem de Fagilde, em Mangualde.”*

(Jornal de Notícias, 19 de Novembro de 2009)

*“Uma jovem de 21 anos, que estava grávida, foi assassinada pelo namorado com um tiro na cara, anteontem de manhã, na rua do Moinho, no bairro da Bela Vista, em Setúbal.”*

(Correio da Manhã, 3 de Novembro de 2010)

Estas e outras notícias análogas provocaram uma reflexão pessoal sobre a verdadeira realidade da temática. Quem violenta quem? Que factores se encontram por detrás desta violência? Quais as consequências para vítimas e agressores? Respostas a questões como estas obrigam a que se construam estudos científicos que nos permitam compreender melhor todas as envolventes da violência no namoro.

Investigações recentes têm apontado para uma percentagem significativa de jovens e adolescentes que sofrem algum tipo de violência nas suas relações de namoro (Herrman, 2009) sendo que este fenómeno se encontra muito difundido e representa um problema grave (Zurbriggen, 2009). Estes dados tornam-se preocupantes quando pensamos no desenvolvimento psicossocial adequado que deveria estar patente nesta população e que desta forma fica em risco.

Numa tentativa de aproximação à realidade, o presente estudo desenvolveu-se a partir da aplicação de um programa de prevenção da violência no namoro. A opção pela aplicação deste programa residiu em parte pela visível necessidade de capacitar os jovens para evitar relacionamentos violentos e, portanto, intervir precocemente numa problemática patente nos dias que correm.

Esta dissertação tem portanto como objectivo principal adaptar um programa de prevenção da violência no namoro no âmbito universitário e avaliar o efeito do mesmo nas crenças apresentadas por estas jovens. Simultaneamente, este estudo pretende fazer ainda uma caracterização geral dos participantes em estudo.

Ao ouvir as palavras violência no namoro, é possível que à memória surja automaticamente outra violência, a denominada violência conjugal. Na verdade, a violência no

namoro aparenta ser muitas vezes precursora da violência conjugal (Machado, 2010), sendo que a frequência da violência física, psicológica e sexual apresenta valores semelhantes nos jovens e nos adultos. No entanto este facto não quer dizer que os predictores, precursores e processos subjacentes sejam os mesmos (Kerig, 2010). Isto revela a necessidade do desenvolvimento de estudos específicos nesta área de forma a adquirir uma melhor e maior compreensão desta realidade. Conjuntamente, este conhecimento torna-se importante para a realização de uma intervenção precoce na violência, visando a diminuição dos casos de violência no namoro e automaticamente da violência conjugal.

No primeiro capítulo desta dissertação é realizada uma revisão da literatura existente até ao momento nesta área, que só recentemente tem vindo a chamar a atenção dos investigadores. Em Portugal, os primeiros estudos sobre a violência no namoro apenas começaram a surgir nos anos 90 (Caridade, 2008). O objectivo neste primeiro capítulo é explorar as características do namoro e da violência neste âmbito, e os esforços que têm vindo a ser realizados ao nível da prevenção.

No segundo capítulo é apresentada a parte empírica deste trabalho, procedendo-se à descrição do programa de intervenção efectuado e dos resultados obtidos. Foi possível verificar que em Portugal são escassos os estudos sobre violência no namoro que pretendem prevenir esta violência, sendo que estes se focam essencialmente na caracterização da temática. Como é do conhecimento geral da Psicologia, as crenças encontram-se frequentemente relacionadas com os comportamentos dos sujeitos. Desta forma, alterar as crenças sobre a violência pode levar a modificações de comportamentos, nomeadamente na aceitação desta e na proliferação de actos violentos. O programa aplicado pretende portanto iniciar uma prevenção primária na área dos relacionamentos amorosos violentos.

Por último, na discussão e na conclusão, existe uma necessidade de identificar os principais resultados obtidos e de os relacionar com as informações resultantes da revisão da literatura. Este facto permite um enquadramento na investigação que tem sido efectuada, contribuindo se possível para o alargamento deste conhecimento já existente.

# Capítulo I - Revisão da Literatura

## 1.1. O Namoro

*“A necessidade de amor faz parte da nossa existência humana, e resulta da rede de dependência que nos une aos outros.”*

(Dalai Lama)

### 1.1.1. Caracterização do Namoro

Existem diferentes definições do que é o namoro. No entanto, muitas delas partilham pontos em comuns e acrescentam outras componentes a esta definição. De um modo geral o namoro pode ser compreendido como uma relação diádica que envolve interacção social e realização de actividades em conjunto com uma intenção, explícita ou não, de continuar a relação até que uma das partes termine ou até que seja estabelecida uma relação de maior compromisso (por exemplo, casamento ou coabitação) (Straus, 2004). Murray e Kardatzke (2007) definem o namoro como um relacionamento no qual duas pessoas partilham uma ligação emocional, romântica e/ou sexual que ultrapassa a amizade. Estes sujeitos não são casados, não se encontram noivos nem participaram em qualquer género de cerimónia que demonstre um compromisso de vida. É de salientar que esta definição se aplica quer a casais heterossexuais quer homossexuais. O namoro faculta ainda aos sujeitos oportunidades de companheirismo, estatuto, experiências sexuais e de resolução de conflitos (White, 2009).

Apesar das definições existentes sobre o namoro serem semelhantes, não existindo uma grande amplitude entre as características envolventes, deve-se ter em consideração que o namoro nem sempre é entendido da mesma forma. Existem variáveis específicas que contextualizam estas relações de uma forma diferente.

As normas sociais para o namoro e os respectivos comportamentos diferem através de um vasto conjunto de dimensões. Dimensões estas que incluem as diferenças individuais, as diferenças do grupo (nível sócio-económico, etnia, entre outros), o momento histórico actual e o contexto cultural. No entanto, existem algumas similaridades nestas normas, que incluem o ser uma relação diádica e o investimento de tempo e energia nesta relação por ambas as partes (Straus, 2004).

Normalmente é a partir da adolescência que um rapaz ou rapariga sente um desejo intenso de estabelecer com outra pessoa uma relação afectiva especial, ao que normalmente se chama “estar apaixonado”. Quando este desejo é correspondido pela outra pessoa conduz-se à formação de um par, situação que tradicionalmente se chama “namoro” (Gomes & Miguel, 2000). O amor apaixonado (característico das relações íntimas) representa um estado de envolvimento intenso com uma pessoa que inclui excitação fisiológica, interesse

psicológico e preocupação com as necessidades do outro, bem como elementos de paixão, proximidade, exclusividade e desejo sexual (Feldman, 2001).

Namorar é importante para que os jovens e adolescentes compreendam o ajustamento comportamental e psicológico, para além daquilo que aprendem no contexto de pares (Ellis, Crooks & Wolfe, 2009).

No entanto, o namoro tanto pode ser uma relação saudável como pode ser uma relação prejudicial (neste último caso quando está presente a violência). Para uma relação de namoro ser saudável, parecem existir factores determinantes, como é o caso da existência de crenças, valores e interesses em comum no casal, o investimento emocional, proximidade física e emocional, respeito e comunicação, honestidade, confiança, atracção, diversão, entre outros. Por sua vez, numa relação negativa, a pressão dos pares por não aceitarem o novo elemento do casal, um(a) namorado(a) controlador(a), possessivo(a) ou ciumento(a), a dependência do outro, a infidelidade, o álcool, problemas familiares, etc., parecem ser factores influenciadores da situação de violência (Toscano, 2007).

### 1.1.2. Evolução do Namoro

O namoro, como outra relação interpessoal, evolui ao longo do tempo apresentando um início, e muitas vezes um fim. Na maioria dos casos um namoro é iniciado à medida que duas pessoas vão estando em contacto uma como a outra e começam a interagir. Existem alguns factores que influenciam o grau em que duas pessoas vão gostar uma da outra, como por exemplo, a similaridade entre ambos, as actividades que partilham e o gosto pelo outro (Michener, DeLamater & Myers, 2005).

De acordo com Michener, DeLamater & Myers (2005), a evolução de uma relação passa por determinadas etapas:

- A *auto-exposição*: onde a pessoa vai revelando informações pessoais ao companheiro. Esta exposição aumenta consoante o aumento do tempo da relação, e simultaneamente aumenta o nível de intimidade da informação.

- A *confiança*: o parceiro demonstra ser honesto e benevolente e a pessoa acredita que este tem intenções positivas para com ela e que lhe é verdadeira.

- A *interdependência*: envolve troca de potenciais recompensas entre parceiros e vai-se estabilizando à medida que o relacionamento se desenvolve.

Dito de outra forma, inicialmente existem interacções frequentes entre duas pessoas que procuram a companhia uma da outra. Estas vão aumentando o grau de intimidade física e psicológica entre ambas, iniciam um processo de compreensão a partir do ponto de vista do outro, estabelecem objectivos comuns e partilham semelhanças, investem no relacionamento, sentem que o seu bem-estar relaciona-se com o próprio bem-estar da relação e começam a comportar-se como um casal. Tradicionalmente, o desenvolvimento de uma relação passa por estas fases, no entanto não existe um ponto exacto em que cada uma possa ocorrer. Alguns factores como o desenvolvimento individual dos elementos do casal, os

objectivos pessoais e as perspectivas que cada um tem da relação podem influenciar a ocorrência de cada fase (Feldman, 2001).

De acordo com Toscano (2007), existem sete fases que as adolescentes consideram existir no namoro. Estas fases são:

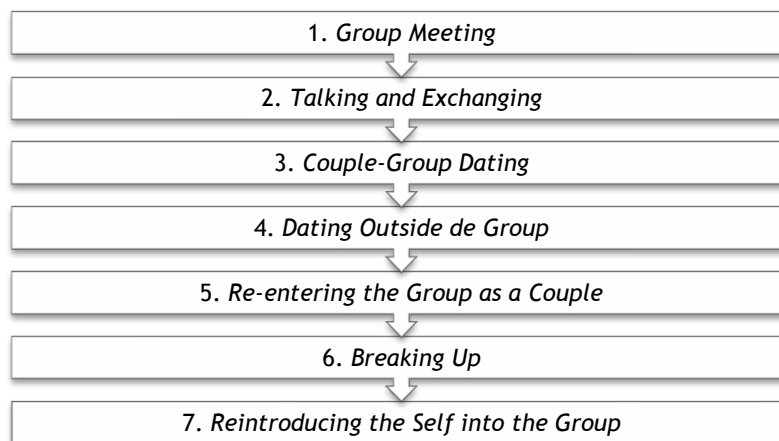


Figura 1. Fases do Namoro

É na primeira fase que os elementos do futuro casal normalmente se conhecem, uma vez que existe uma interação entre grupos do sexo oposto. De uma forma geral os jovens e adolescentes iniciam relacionamentos exclusivamente com elementos que pertencem aos círculos que frequentam. Na segunda fase, inicia-se um processo de aproximação entre os dois elementos (frequentemente através de conversas por telemóvel ou internet), onde existe uma partilha de informações e de tempo, que acontece fora do grupo. Na terceira fase, o casal envolve-se em encontros mais formais com outros casais do grupo. Por sua vez, na quarta fase, o casal passa mais tempo a dois fora do grupo. Nesta fase existe uma maior aproximação emocional e física e uma maior partilha de tempo e informação do que na segunda fase. Na fase cinco, o casal introduz-se ao grupo como tal de uma forma formal, e apesar de manterem a sua relação independente continuam a manter os seus relacionamentos com o grupo. A sexta fase implica o término da relação de namoro. Os ex-elementos do casal diminuem a partilha de informações e o tempo que passam juntos e o grupo está normalmente envolvido neste processo de separação. Por último, o casal volta-se a apresentar novamente ao grupo mas como elementos separados e individuais, o que implica a construção de novos papéis (Toscano, 2007).

É frequentemente uma relação de namoro terminar durante a adolescência e início da idade adulta. Existe um conjunto de fases que ocorrem que levam a este declínio da relação. De acordo com Feldman (2001), a *primeira fase* acontece quando um elemento do casal decide que não consegue mais continuar na relação. A pessoa centra a sua atenção no comportamento do companheiro e em como este comportamento pode fundamentar o final da relação. Na *segunda fase*, a pessoa confronta o seu parceiro e toma a decisão de reparar,

redefinir ou terminar a relação. Se existe um término do relacionamento ocorre um reconhecimento público deste facto e é necessário justificar perante os demais os motivos para este acontecimento. Por último, na *terceira fase*, encontra-se o luto, onde existe um final físico e psicológico da relação. Quando um namoro chega ao fim este pode acarretar problemas tais como o sofrimento pela perda da relação afectiva, sentimentos de culpa por parte da pessoa que abandona a relação, sentimentos de inferioridade pelo parceiro que se sente abandonado, e o estabelecimento de futuras relações de namoro pode ser mediado pelo medo de desilusão e sofrimento (Gomes & Miguel, 2000).

## 1.2. Violência

### 1.2.1. Caracterização da Violência

A violência é um fenómeno global e que ocorre frequentemente. Desta forma, para se conseguir compreender a violência no namoro é necessário explorar previamente o que é a violência e as suas características. Por isso numa primeira fase é necessário saber qual a definição de violência.

A violência apenas se estabeleceu como um problema social específico a partir dos anos 60. Desde essa altura existiu uma crescente atenção social e científica perante a violência contra a mulher, especialmente no contexto da intimidade (Caridade & Machado, 2006). Para a Organização Mundial de Saúde, a violência é definida como o uso intencional da força ou poder, em forma de ameaça ou acto concretizado, contra o próprio, outra pessoa ou um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha uma grande probabilidade de resultar em ferimentos, morte, prejuízo psicológico, desenvolvimento inadequado ou privação de algo (WHO, 2002).

A violência não pertence à natureza humana nem tem origem biológica, é sim um fenómeno biopsicossocial complexo e dinâmico que se forma e desenvolve no contexto da sociedade (Minayo, 1994). Alguns estudos demonstram a existência de predisponentes biológicos e factores individuais para a agressão. Contudo, esses predisponentes não originam obrigatoriamente comportamentos de violência. A interacção desses mesmos predisponentes com factores familiares, culturais, comunitários ou outros factores externos é que pode originar situações onde surja a violência (Dahlberg & Krug, 2007).

### 1.2.2. Ciclo de Violência

Uma vez que a violência no namoro aparenta ser um precursor da violência conjugal, revela-se importante referir o ciclo de violência conjugal, pois este pode ajudar a compreender melhor o envolvimento numa relação de violência e a sua continuação nesta.

O ciclo da violência conjugal é constituído por três fases: a fase da acumulação de tensão, a fase do ataque violento e a fase de apaziguamento ou de “lua-de-mel”. Na primeira

fase, a da *acumulação de tensão*, a vítima apesar de sujeita a agressões por parte do cônjuge (que vão aumentando de intensidade) nega a raiva que sente em relação à violência no casal e procura justificações para a sua ocorrência. Na segunda fase, a do *ataque violento*, o agressor descarrega toda a tensão acumulada na vítima através dos diferentes tipos de violência, vendo-a apenas como um objecto. Neste caso, a vítima “aceita” a violência sem contestar pois não vê outra possibilidade de resposta. Por último, segue-se a fase de *lua-de-mel*. É nesta fase que existe uma reconciliação entre o casal. O agressor pede desculpa à vítima, demonstrando-se extremamente arrependido por todos os actos violentos que cometeu. Estas fases formam um ciclo, acabando por se sucederem umas às outras vezes sem conta. No entanto, com o aumento da frequência das agressões, a última fase segue uma tendência para se extinguir (Lemos, 2008 cit. in Machado, 2010).

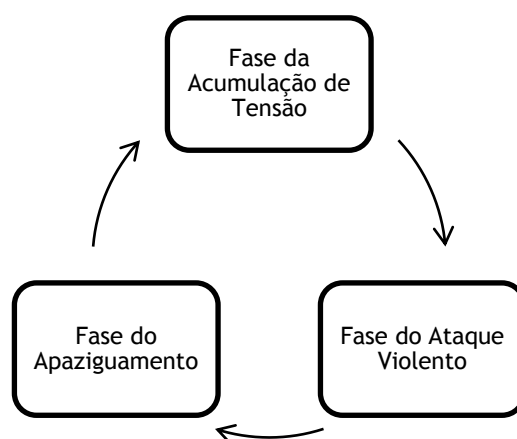


Figura 2. Ciclo da Violência Conjugal

Ao nível do namoro, as vítimas parecem envolver-se de um modo semelhante num padrão de abandonar e regressar à relação vezes sem conta. No entanto, a percepção que vão adquirindo da violência no namoro evolui ao longo de tempo, até que eventualmente começam a ver a violência como ela verdadeiramente é e reconhecem que não são culpadas pelo abuso (Ismail, Berman & Ward-Griffin, 2007).

### 1.3. Violência no namoro

*“O meu namorado era o rapaz mais porreiro da escola, era aquele que se sentava no carro a ouvir música e todos gostavam dele. Ele começou a enganar-me de um modo que nem é possível imaginar. Ele também era fisicamente violento às vezes. Nós iniciávamos discussões e ele batia-me. Eu pensava que a culpa era minha e voltava para ele e ele voltava a fazê-lo outra vez. E era um ciclo vicioso. Demorei cerca de 4 anos para realmente compreender que este não era o tipo de pessoa com quem eu queria estar.”*

(Ismail, Berman & Ward-Griffin, 2007, pág. 463)

### 1.3.1. Definição

A violência é prejudicial para perpetradores e vítimas e pode ainda ter um impacto secundário nos outros, principalmente aqueles que estão envolvidos na rede social das vítimas ou agressores (Zurbriggen, 2009).

Smith e Donnelly (2000) definem a violência no namoro como o abuso físico, sexual e emocional que tem lugar no contexto de uma relação amorosa. Esta violência pode também ser definida como a perpetuação ou ameaça de um acto de violência por pelo menos um elemento de um casal (que não seja casado) no outro elemento no contexto de namoro (US Bureau of Justice, 2000 cit. in Ramisetty-Mikler, Goebert, Nishimura & Caetano, 2006).

No estudo realizado por Toscano (2007), os participantes (raparigas adolescentes) apesar de apresentarem algumas diferenças na definição do que é a violência no namoro concordaram que é a intenção de magoar alguém e que inclui formas verbais, físicas e emocionais de o fazer. Os participantes referiram ainda que o controlo e o isolamento em relação ao grupo eram comportamentos muito frequentes nestes relacionamentos abusivos.

É importante fazer a distinção entre vítima e perpetrador de violência. Uma vítima de violência numa relação de intimidade é uma pessoa repetidamente agredida física, sexual e psicologicamente por outra pessoa. Ela não apresenta poder ou controlo (físico, sexual, psicológico, económico e social) na relação íntima. Por sua vez, o perpetrador é um sujeito que agride de forma física, psicológica e sexual o seu companheiro. É ele que possui o controlo e o poder no relacionamento (Kimberg, 2008).

### 1.3.2. Formas de violência no namoro

Os adolescentes e jovens envolvidos em relações de namoro parecem experimentar múltiplas formas de violência. Entre estas formas encontra-se a violência física, a violência sexual e a violência psicológica ou emocional (Caridade & Machado, 2006).

Este facto demonstra a necessidade de se compreender as especificidades de cada forma de violência, fazendo o seu enquadramento na relação de namoro. A aquisição de uma maior compreensão das características específicas destas formas de violência demonstra ser pertinente para possibilitar a realização de prevenções adequadas e eficazes entre os jovens e adolescentes.

#### ▪ **Violência Física**

De acordo com Smith e Donnelly (2000), a violência física ocorre num relacionamento quando o agressor acredita que tem o direito de controlar o(a) companheiro(a). O agressor utiliza então o abuso físico como um meio para alcançar os resultados que deseja.

Dentro desta forma de violência destacam-se comportamentos como o bater, empurrar, sufocar, morder, pontapear, puxar o cabelo e esmurrar (Smith & Donnelly, 2000; Wekerle & Wolfe, 1999 cit. in Danis & Anderson, 2008). Os actos de violência física podem

ocorrer apenas uma vez numa relação de namoro. No entanto, esta violência é por norma recorrente e vai-se agravando com o decorrer do tempo de relacionamento, sendo cada acto de violência mais severo que o anterior (Smith & Donnelly, 2000).

Vários estudos realizados essencialmente no EUA têm indicado que os padrões de violência física iniciam-se na fase da conquista, durante a adolescência ou o início da idade adulta (Rickert et. al, 2002 cit. in Lehrer, Lehrer & Zhao, 2009).

De acordo com Haberyan e Kibler (2008), um em cada quatro jovens universitários experienciaram violência física no namoro enquanto frequentaram o ensino secundário. Resultados semelhantes foram obtidos por Lehrer, Lehrer e Zhao (2009), onde 15% das mulheres e 26.6% dos homens afirmaram terem sido vítimas de violência física numa relação amorosa no último ano.

#### ▪ **Violência Sexual**

Por sua vez, a violência sexual refere-se a actos de cariz sexual não consentidos pelo parceiro (Wekerle & Wolfe, 1999 cit. in Danis & Anderson, 2008). Estes actos correspondem por exemplo à violação no contexto de um encontro amoroso, ao uso de pressão para que a vítima tenha relações sexuais antes de estar pronta ou então para que tenha relações sexuais mais vezes do que esta deseja (Smith & Donnelly, 2000).

Estudos indicam que cerca de 50% dos estudantes universitários são vítimas de violência sexual no namoro. Esta violência estende-se ainda aos adolescentes que frequentam o ensino secundário (Caridade & Machado, 2008).

O comportamento sexualmente agressivo é muitas vezes resultado de normas culturais que o desculpabilizam e aceitam (Hall & Barongan, 1997 cit. in Caridade & Machado, 2008). Existem contudo alguns factores de risco que aumentam a vulnerabilidade à vitimação e à perpetuação de violência sexual. Estes factores incidem essencialmente nas características da vítima, nas características dos perpetradores e nas características situacionais (Marx, Victoria & Gross, 1996 cit. in Caridade & Machado, 2008).

De acordo com alguns estudo, e ao contrário do que se verifica na violência física e psicológica, as vítimas de violência sexual aparentam ser maioritariamente do sexo feminino (Sears & Byers, 2010).

#### ▪ **Violência Psicológica**

A existência de discussões num relacionamento é algo normativo e comum. O que diferencia uma discussão normal de um abuso emocional/psicológico é a utilização da intimidação por parte do agressor para obter controlo sobre a vítima (Levy, 1993 cit. in Smith & Donnelly, 2000). Alguns dos comportamentos mais comuns desta forma de violência são o isolamento, a perseguição, a ameaça de ofensa e o desprezo (Wekerle & Wolfe, 1999 cit. in Danis & Anderson, 2008).

O isolamento ocorre essencialmente porque o agressor encoraja a vítima a terminar relacionamentos com os seus amigos ou familiares, mesmo quando vive com a família. É

comum os agressores utilizarem frases que passem a mensagem de que o casal só precisa um do outro e de mais ninguém, ou então que minimizem as pessoas com quem a vítima estabelece relacionamentos (por exemplo, dizendo que eles não valem nada). É muito frequente também que a vítima termine os relacionamentos com elementos do sexo oposto. Isto acontece porque o agressor demonstra que não é correcto o estabelecimento de relações tão próximas com pessoas que não do mesmo sexo, e a vítima acaba por se sentir culpada (Smith & Donnelly, 2000).

Uma característica muito usual da violência psicológica é o facto de o agressor ameaçar suicidar-se se a vítima terminar a relação com ele. Estas ameaças são normalmente eficazes pois as vítimas sentem que caso isso aconteça a culpa é delas (Toscano, 2007).

É comum nesta forma de violência a diminuição da auto-estima da vítima. Esta diminuição é reforçadora do ciclo de violência uma vez que permite ao agressor manter o seu poder. Muitas vezes os efeitos da diminuição da auto-estima são muito mais severos do que as marcas físicas que possam existir (Gelles, 1998 cit. in Smith & Donnelly, 2000). É particularmente difícil para os adolescentes saírem de uma situação de violência psicológica, especialmente porque parte da sua auto-estima desenvolve-se nesta etapa do ciclo vital. O adolescente pode não ter uma ideia clara de quem é e não possuir a confiança necessária para enfrentar uma relação abusiva (O’Keeffe, 1986 cit. in Smith & Donnelly, 2000).

Por norma, as formas de violência mais utilizadas são de um grau de severidade mais baixo (independentemente do tipo de violência) e residem nos insultos, nos berros, nos empurrões e em ser-se agarrado. Apenas uma pequena parte das vítimas é sujeita a graus severos de violência, como por exemplo, ser queimada ou empurrada contra uma parede (Kaura & Lohman, 2007). No entanto, as raparigas parecem ser sujeitas a agressões físicas mais severas do que os rapazes (Molidor & Tolman, 1998). É também frequente que numa mesma relação de violência estejam presentes as três formas de violência anteriormente descritas. Esta característica é comum a rapazes e raparigas (Sears & Byers, 2010).

Comparando a violência no namoro com a violência doméstica, verifica-se que os actos praticados são mais severos nesta última. No entanto existem situações em que a violência praticada pelo(a) namorado(a) é de um nível de gravidade muito elevado (Lichter & McCloskey, 2004).

Nas relações de namoro é normal que a violência física seja a última forma de violência a surgir. Muitas vezes a violência psicológica e sexual são precedentes da violência física, sendo portanto possíveis indicadores que esta poderá surgir. É característico também que as pessoas envolvidas no relacionamento não considerem a violência sexual e psicológica como formas de agressão, aceitando-as como normativas do relacionamento amoroso (Aldrighi, 2004). Isto pode levar a que a violência se vá desenvolvendo e agravando sem que o casal tenha consciência do namoro violento, até que surge a violência física numa fase já mais avançada da relação, o que dificulta portanto a intervenção.

### 1.3.3. Prevalência

Não se poderia falar da violência nas relações de namoro sem se averiguar a prevalência desta violência na população geral. É necessário conhecer o grau em que esta violência está presente na sociedade para avaliar a real dimensão da problemática. Como seria de esperar, os estudos realizados nesta área focam-se essencialmente nos adolescentes e jovens adultos uma vez que o namoro é uma dimensão característica destas etapas de desenvolvimento vital.

Actualmente, existem algumas dificuldades em se estimar qual a prevalência da violência nas relações amorosas. Estas dificuldades residem substancialmente devido a questões de ordem metodológica, tais como a falta de consenso na definição de violência no namoro e as dificuldades em dar um “nome” à violência, e também devido à dificuldade patente das vítimas em revelar a violência (Harrison & Abrishami, 2004; Ismail, Berman & Ward-Griffin, 2007).

Apesar da percepção de que esta violência é perpetuada mais pelo género masculino e de as mulheres serem maioritariamente as vítimas, devido ao desequilíbrio de poder num relacionamento (Rizzo, 2009), alguns estudos demonstram que não existem diferenças significativas ao nível de género, sendo homens e mulheres igualmente vítimas e agressores (Kaura & Lohman, 2007). No entanto existem outros estudos que afirmam que existe uma maior percentagem de vítimas do género feminino relativamente à violência em geral (Silverman et al., 2001 cit. in Smith, Winokur & Palenski, 2005).

De acordo com James, West, Deters & Armijo (2000), pelo menos 25% dos namoros na adolescência são marcados pela existência de abuso físico e psicológico. Os mesmos autores afirmam que cada vez mais a violência neste tipo de relacionamentos é aceite pelos elementos do casal como uma forma de “amor e guerra”.

Alguns estudos apontam para que o tipo de violência mais prevalente nas relações amorosas seja a violência psicológica, quer relativamente à perpetuação quer à vitimização. Seguindo-se a coerção sexual, o abuso físico sem sequelas e por fim o abuso físico com sequelas. Ao nível da relação entre o tipo de violência e o género, tem vindo a ser demonstrado que as mulheres praticam essencialmente violência psicológica sobre o companheiro enquanto os homens o fazem mais ao nível físico e sexual (Paiva & Figueiredo, 2005).

No que diz respeito às características populacionais, verifica-se que a problemática da violência no namoro ocorre em qualquer classe económica e social, e em qualquer raça ou religião, sendo as mulheres jovens as que apresentam um risco mais elevado de serem vítimas desta violência. Os casos mais denunciados têm lugar dentro da população heterossexual, no entanto, existem igualmente denúncias de situações de violência no namoro na população homossexual (Smith & Donnelly, 2000; US Bureau of Justice, 2000 cit. in Ramisetty-Mikler, Goebert, Nishimura & Caetano, 2006).

Os resultados anteriormente apresentados referem-se na sua quase totalidade a estudos efectuados no estrangeiro. Na pesquisa bibliográfica realizada verifica-se que a investigação da problemática da violência no namoro em Portugal é ainda muito recente. Um dos estudos existentes em Portugal que exploram a área da violência no namoro com maior visibilidade foi realizado por Caridade (2008). No estudo participaram adolescentes e jovens adultos em faixa etária correspondente à frequência do ensino secundário e ensino universitário. A autora verificou que 25% dos participantes relataram terem sido vítimas de pelo menos um acto abusivo no contexto da violência no namoro no último ano, enquanto 30,6% afirmam terem utilizado algum tipo de comportamento violento contra o seu parceiro. Verificou-se também que o abuso psicológico é mais frequente (quer na vitimização quer na perpetuação) do que o abuso físico. De uma forma global, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas quanto à vitimização e o género.

Verifica-se portanto que as características da prevalência da violência no namoro em Portugal se assemelham às mesmas características encontradas nas restantes investigações efectuadas em outros países.

Contudo, os números estatísticos que vão sendo conhecidos em relação à violência no namoro nem sempre demonstram a sua verdadeira realidade. Isto ocorre essencialmente porque muitas vezes os casos de violência não são relatados, por medo de retaliação ou porque a violência nas relações íntimas ainda é estigmatizada (Paiva & Figueiredo, 2005). Por outro lado, existe muitas vezes o foco apenas na violência física, descurando a violência psicológica e sexual. O facto de uma maior percentagem dos estudos se focar apenas neste tipo de violência, leva simultaneamente a uma distorção da verdadeira prevalência da violência nas relações de namoro (Jackson, 1999).

#### 1.3.4. Características

Além da prevalência da violência no namoro e das suas formas, é necessário explorar algumas características específicas desta violência. Estas características dizem respeito a factores relacionados por exemplo com os agentes envolventes das vítimas ou agressores e com as justificações apresentadas para o uso da violência.

O fenómeno da violência nas relações amorosas afecta igualmente adolescentes, jovens e adultos. No entanto, a percepção que estas populações apresentam do fenómeno e a forma de adesão ao mesmo não são necessariamente semelhantes entre si (Fredland, Ricardo, Campbell, Sharps, Kub & Yonas, 2005). É também de salientar que quer os homens quer as mulheres podem ser vítimas e perpetradores de violência. É necessário portanto desconstruir a ideia de que só os homens é que agredem e só as mulheres é que são vítimas. Independentemente da prevalência de género na vitimização e na perpetuação, é preciso existir uma consciencialização de que a violência pode ser provocada por qualquer pessoa (Aldrighi, 2004).

Muitas vezes as pessoas considerarem que a violência na relação em que se encontram é normativa, e quando isto acontece na sua maioria não é denunciada (Smith, Winokur & Palenski, 2005). Noutras situações, a relação de namoro é a primeira relação de um ou dos dois elementos do casal, e por isso não existem modelos anteriores do que esperar de uma relação de namoro (que seja saudável). Deste modo, a continuação na relação é frequente (Toscano, 2007).

No que concerne às informações que explicam porquê que uma pessoa se mantém ou sai de numa relação de violência estas são escassas. Pressupõe-se que deixar uma relação é mais fácil quando é no namoro do que quando é num casamento. Contudo, os jovens parecem manter-se numa relação violenta de uma forma semelhante aquela que os adultos apresentam num casamento violento (Marcus, 2004).

Se as normas culturais onde os jovens estão inseridos sustentam a violência reactiva, este tipo de comportamento torna-se uma resposta aceitável para diversas situações (Fredland, Ricardo, Campbell, Sharps, Kub & Yonas, 2005). Um outro factor que contribui para a aceitação da violência no contexto de uma relação de intimidade, nos jovens universitários, é a percepção que estes apresentam do nível da relação. A violência é mais aceite quando o relacionamento é percebido como sendo sério, ao invés de uma relação casual (Bethke & DeJoy, 1993 cit. in Harrison & Abrishami, 2004). O nível de aceitação que a violência tem por parte da vítima influencia directamente a força da relação amorosa. Aparentemente, quanto maior for esta aceitação menor a influência que a violência tem no seio da relação (Kaura & Lohman, 2007).

Por vezes, a pressão dos pares é também um factor que está por detrás da manutenção de uma relação abusiva, principalmente nas raparigas e rapazes mais novos. O facto do grupo de pares considerar como norma social a envolvimento numa relação de namoro pode originar um sentimento de vergonha naqueles que não namoram. Esta situação pode levar à precipitação para uma relação antes de a pessoa estar preparada para a mesma. A adesão a essa norma do grupo de pares provoca ainda muitas vezes a continuação numa relação abusiva (Smith & Donnelly, 2000). A pressão para estar na relação pode ser tão intensa que frequentemente às raparigas ignoram e desculpam a violência a que estão sujeitas (Ismail, Berman & Ward-Griffin, 2007).

Aparentemente, o facto de as raparigas terem amigos que estejam envolvidos em relações violentas aumenta a probabilidade destas também se envolverem nesta violência (Foshee et al., 2001 cit. in Smith, Winokur & Palenski, 2005). Os pares são um grande factor de influência no que diz respeito aos comportamentos e atitudes que os jovens apresentam face ao namoro e à violência neste contexto (Fredland, Ricardo, Campbell, Sharps, Kub & Yonas, 2005). Isto pode demonstrar que os jovens aprendem com outros jovens que bater e abusar verbalmente é algo natural e aceitável num namoro (Smith, Winokur & Palenski, 2005).

Parece existir também uma ligação entre a dependência dos relacionamentos e a violência no namoro bem como a existência de comportamentos imaturos e pouco saudáveis no relacionamento (Charkow & Nelson, 2000).

A falta de uma rede de suporte social e a invisibilidade de punições nas escolas e nos meios de comunicação social relativamente à violência contribuem para a normalização da mesma, tornando difícil o seu reconhecimento e o abandono da relação abusiva (Ismail, Berman & Ward-Griffin, 2007). A utilização da violência nos meios de comunicação contribui para a existência de atitudes de tolerância à agressividade (Connolly, Friedlander, Pepler, Craig & Laporte, 2010). A existência de contactos sociais relevantes para os jovens pode ser um factor protector da violência no namoro. Instituições religiosas, monitorização dos pais e os meios que envolvem o consumo aceitável de álcool são alguns exemplos de factores que podem ser protectores da violência. No entanto, existem outros contactos sociais que ao invés de funcionarem como protectores resultam em factores de risco para a envolvimento em relações de namoro violentas (Howard, Qiu & Boekeloo, 2003).

Segundo um estudo realizado por Black e Weisz (2004), quer os rapazes quer as raparigas afirmam ser errado fazer uso da violência contra o parceiro. No entanto justificam o uso de violência em situações onde existe traição ou *flirting* por parte do companheiro (especialmente os homens). Caridade (2008) concluiu igualmente que os jovens de um modo geral reprovam o uso da violência. No entanto, existe uma permeabilidade de determinadas noções que contribuem para a desculpabilização de determinadas formas de violência e consoante o contexto como por exemplo os actos menos severos de violência, a não consideração da violência sexual como uma forma de violência, crenças que aceitam a violência, a desculpabilização do agressor por considerarem que este agiu de uma forma impulsiva e a atribuição da responsabilidade da violência à vítima.

Leisring (2009), num estudo realizado com estudantes universitárias, concluiu que o uso da violência na relação de namoro é ainda muitas vezes justificado (pelas mulheres que praticam actos de agressão) como uma forma de alcançar resultados considerados positivos ou de ganhar uma discussão. O estudo indicou ainda que as raparigas perpetradoras de violência apresentavam expectativas mais elevadas de sofrerem algum tipo de retaliação aquando do uso de violência do que as não perpetradoras. No entanto, estas expectativas prendiam-se essencialmente com a utilização de outro tipo de violência que não a física, sendo que apenas uma minoria (6%) apresentou expectativas de que o parceiro retaliasse com comportamentos físicos agressivos.

Uma outra característica da violência ocorrida num contexto de namoro é que por vezes, a vítima se culpabiliza das próprias agressões. Esta culpabilização encontra-se em parte relacionada com o medo estabelecido na relação violenta (Close, 2005).

No que diz respeito à perpetuação da violência física no namoro ao longo do tempo, Fritz e Slep (2009) verificaram que num período de um ano esta perpetuação se manteve consideravelmente estável. Os autores constataram também que a relação entre a estabilidade da perpetuação e a vitimização física e psicológica se manteve igualmente

constante. Este facto vai de encontro ao modelo diádico, que define que a violência é mais provável de ocorrer quando os padrões dinâmicos de uma relação interpessoal estão estabelecidos. Desta forma, num namoro prolongado existe maior probabilidade de os níveis de violência serem mais estáveis do que em namoros de curta duração.

Foshee et al. (2009) estudaram o desenvolvimento da perpetuação da violência no namoro de acordo com o desenvolvimento dos adolescentes. Estes autores analisaram a violência na faixa etária dos 13 aos 19. Foi possível verificar um aumento da perpetuação em forma curvilínea a partir dos 13 anos, alcançando o seu pico entre os 16 e 17 anos, para a violência física ligeira e severa e para a violência sexual. No que diz respeito à violência psicológica os autores verificaram uma correlação positiva entre o aumento desta e o aumento da idade cronológica dos sujeitos. Foi possível de concluir-se também que quer os rapazes quer as raparigas perpetuam a mesma quantidade de violência para idades semelhantes e que em qualquer idade os rapazes perpetuam mais violência física severa e violência sexual que as raparigas.

### 1.3.5. Causas

A violência contra o companheiro no contexto do namoro pode ser explicada por uma diversidade de factores (Paiva & Figueiredo, 2003). Entre as explicações existentes encontram-se algumas que assentam em teorias concretas sobre o ser humano, neste caso em particular a Teoria da Vinculação e a Teoria da Aprendizagem Social, e outras que se baseiam em factores externos ou internos ao sujeito. No entanto todas elas demonstram ser importantes para se conhecer uma diversidade de causas possíveis de originarem os actos de violência na relação de namoro.

Uma das primeiras causas apresentadas para a existência de violência numa relação de namoro apoia-se na Teoria da Vinculação. Esta teoria demonstra que as experiências e os padrões de interacção que se estabelecem na infância originam modelos internos dinâmicos que vão influenciar os comportamentos futuros do sujeito. Isto significa que crianças maltratadas durante a infância apresentam maior vulnerabilidade para serem vítimas ou perpetradoras de maus tratos nas relações interpessoais significativas no futuro (Paiva & Figueiredo, 2003).

Numa linha semelhante, a Teoria da Aprendizagem Social indica que os comportamentos são aprendidos através da observação e imitação dos comportamentos dos outros e mantêm-se a partir do reforço (Álvaro & Garrido, 2007). Os modelos parentais são a fonte preferencial para a aquisição dos papéis de género, sendo que o género do progenitor que pratica a violência neste caso concreto tem uma forte influência na aprendizagem da criança (Jackson, 1999). É portanto adequado afirmar que à luz desta teoria uma criança que por exemplo assista prolongadamente a agressões praticadas pelo pai em relação à mãe imite estes comportamentos futuramente, quando envolvida numa relação amorosa, pois aprendeu-os por observação e imitação. Relativamente ao género é provável que se a criança em

questão fosse um rapaz este iria em adulto ter uma postura agressiva enquanto se fosse uma rapariga teria uma postura submissa. Isto é explicado devido à aprendizagem de papéis de género que ocorre na infância.

Através destas duas teorias verifica-se que as causas para a violência podem ter origem ainda na infância. Isto é passível de significar portanto que a violência e a agressão no namoro podem ser uma ponte de ligação entre a exposição à violência na família de origem e o uso de violência na futura família que a pessoa constituir, uma vez que a pessoa transporta o que aprendeu na família de origem para as relações íntimas futuras (Jackson, 1999; Kerig, 2010).

Além das teorias apresentadas, que demonstram a aquisição de comportamentos na infância, existem outros factores considerados situacionais, individuais e estruturais que podem explicar a ocorrência de comportamentos de violência no namoro. Entre os factores situacionais incluem-se o início precoce da actividade sexual, comportamentos sexuais de risco (por exemplo, a não utilização de preservativo ou a existência de múltiplos parceiros), o abuso de álcool e drogas (por exemplo, cocaína e inalantes) e as capacidades de comunicação e de resolução de problemas. Nos factores individuais encontramos por exemplo os modelos familiares dos papéis e a história pessoal de abuso. Nos factores estruturais incluem-se situações como a socialização de género, o controlo ou o domínio e a opressão das mulheres (Howard & Wang, 2003; Mahlstedt, Falcone & Rice-Spring, 1993; Ramisetty-Mikler, Goebert, Nishimura & Caetano, 2006).

No que diz respeito ao consumo de substâncias este consumo cria vulnerabilidade contextual à violência no namoro. Ele provoca uma desinibição e perda de controlo que pode levar a que as pessoas digam ou façam algo que provoque conflito interpessoal e agridam verbal e fisicamente o outro mais rápido do que se este consumo não existisse (McDonell, Ott & Mitchell, 2010).

Um outro factor de risco que tem vindo a ser apontado como possível causa do surgimento da violência física no namoro é o início precoce do envolvimento em relações de namoro. Início este que de um modo geral tem vindo a ser antecipado, sendo que os adolescentes têm o primeiro namorado cada vez mais cedo (Miller, Gorman-Smith, Sullivan, Orpinas & Simon, 2009).

No entanto, de acordo com Baker e Stith (2008), os factores predictores de violência no namoro não parecem ser os mesmos nos rapazes e nas raparigas, variando consoante o género. Segundo os autores, os rapazes correm mais riscos de perpetuar a violência física contra o parceiro quando possuem poucas capacidades de gerir a raiva, quando o parceiro utiliza a violência física e também quando a satisfação com a relação é maior. Relativamente às raparigas elas apresentam maior probabilidade de perpetuar a violência física quando os parceiros utilizam violência física e psicológica contra estas.

Um outro factor que parece estar relacionado com a ocorrência de violência, sendo contudo um factor de risco e não um factor especificamente causal, é a existência de uma baixa auto-estima. Jovens vítimas de violência no namoro demonstram índices mais baixos de

auto-estima do que aquelas que não sofrem abusos numa relação (Burke, Stets & Pirog-Good, 1989 cit. in Rosen & Bezold, 1996). Neste caso, este factor contribui não para a provocação de violência mas sim para ser vítima da mesma.

Apesar de os factores descritos anteriormente não levarem obrigatoriamente à ocorrência de violência, eles são considerados factores de risco para a mesma (Howard & Wang, 2003).

### 1.3.6. Consequências

Qualquer acto violento acarreta consequência, visíveis ou invisíveis, graves ou não. Deste modo revela-se pertinente saber identificar as consequências da violência no namoro quando se estuda esta problemática. Este conhecimento é útil quer para identificar a violência quando esta não é relatada, quer para intervir individualmente após a ocorrência da mesma ou ainda para realizar programas e acções de prevenção.

As pessoas que são vítimas de violência no namoro, apresentam um maior número de sintomas físicos do que as que têm um relacionamento saudável. O índice de sintomas apresentados dentro das vítimas é maior nos casos da violência psicológica e na violência física sem sequelas. É de referir ainda que os sujeitos que perpetuam a violência psicológica estão também igualmente susceptíveis de apresentarem sintomas físicos (Paiva & Figueiredo, 2005). De acordo com um estudo realizado por Callahan, Tolman e Saunders (2003), a violência no namoro está relacionada com níveis inferiores de bem-estar psicológico. No caso das raparigas estas apresentam maior stress pós-traumático e dissociação quando são vítimas de violência no namoro. No que diz respeito aos rapazes enquanto vítimas, além do stress pós-traumático, estes demonstram maiores níveis de ansiedade e depressão.

A violência no namoro determina o grau de satisfação que a vítima apresenta em relação à própria relação e interfere na saúde mental da mesma (Kaura & Lohman, 2007). Quanto maior a qualidade do relacionamento íntimo melhor é o estado de saúde dos indivíduos (Paiva & Figueiredo, 2005).

As raparigas vítimas de violência nas relações amorosas apresentam por vezes comportamentos de controlo de peso incorrectos, ideação suicida e infecções sexualmente transmissíveis (Silverman, Raj, Mucci & Hathaway, 2001 cit. in Ramisetty-Mikler, Goebert, Nishimura & Caetano, 2006). A qualidade de vida global, mais especificamente na saúde, parece estar igualmente comprometida nas vítimas de violência no namoro. A satisfação com a vida é inferior nesta população, acarretando custos económicos e psicológicos (Coker, McKeown, Sanderson, Davis, Valois & Huebner, 2000 cit. in Close, 2005).

Na violência sexual em específico, as consequências para a vítima são graves quer a curto quer a longo prazo. Nas consequências a curto prazo inclui-se o funcionamento emocional (ansiedade, medo e raiva), o funcionamento psicológico (depressão, stress pós-traumático, capacidades de coping), sintomas físicos (dificuldades em dormir e distúrbios alimentares) e o funcionamento comportamental e social (comportamentos sexuais

inapropriados, fuga). Por sua vez, a longo prazo, as vítimas de violência sexual podem vir a sofrer de disfunção sexual, depressão, ideação suicida, consumo de substâncias, depressão, ansiedade, baixa auto-estima, dificuldades escolares entre outras (Barbaree, Hudson & Seto, 1993 cit. in Lowe, Jones & Banks, 2007). As raparigas vítimas de violência no namoro são mais propícias a experienciar riscos a nível da saúde sexual. Nestes riscos incluem-se a vulnerabilidade à transmissão do HIV (e outras doenças sexualmente transmissíveis) e a engravidarem (Silverman, Raj & Clements, 2004). As vítimas de violência no namoro podem sentir medo de sofrer represálias caso tentem negociar por exemplo a prevenção da gravidez ou o uso de preservativo, e percepcionarem que têm pouco controlo sobre a sua sexualidade. Este medo e a percepção de controlo limitado podem levar a práticas sexuais desadequadas, resultando nas consequências já referidas (Wingood, DiClemente, McCree, Harrington & Davies, 2001).

Os resultados do estudo realizado por Leisring (2009), indicaram que as mulheres perpetradoras de violência contra o parceiro acreditavam que o uso da violência lhes traria consequências negativas, como por exemplo o sentimento de culpa, o parceiro gritar com elas ou deixar de lhes falar. Isto demonstra que a utilização de violência acarreta consequências não apenas para as vítimas mas também para o agressor.

Com base nas consequências indicadas por os diferentes estudos apresentados, e para permitir uma melhor percepção, é apresentado na figura seguinte um resumo das principais consequências com base na sua tipologia.

Consequências da Violência no Namoro			
Físicas	Psicológicas	Emocionais	Comportamentais
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldades em dormir</li> <li>• Distúrbios alimentares</li> <li>• Infecções sexualmente transmissíveis</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Depressão</li> <li>• Stress pós-traumático</li> <li>• Dissociação</li> <li>• Ansiedade</li> <li>• Depressão</li> <li>• Ideação suicida</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ansiedade</li> <li>• Medo</li> <li>• Raiva</li> <li>• Menor satisfação com a vida</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fuga</li> <li>• Comportamentos sexuais inapropriados</li> <li>• Comportamentos de controlo de peso inadequados</li> </ul>

Figura 3. Consequências da Violência no Namoro

Ainda no que diz respeito às consequências dos actos de violência entre namorados pode-se referir as reacções imediatas que estes apresentam em relação aos mesmos. As reacções parecem diferir de acordo com o género. Nas raparigas, verifica-se que os actos de violência contra estas são percepcionados como ofensas graves e que provocam danos físicos e psicológicos. Por sua vez, os rapazes demonstram responder a actos de violência contra os mesmos de uma forma que indica que não os percepcionam como ameaçadores ou prejudiciais. As respostas mais frequentes a actos de violência nas raparigas são o chorar

(40%), o retaliar (35%) e o falar com o parceiro (25%). Já as respostas mais comuns nos rapazes são o rir (53%), o ignorar (30%) e o falar com o parceiro (20%) (Molidor & Tolman, 1998).

## 1.4. Crenças

### 1.4.1. Contextualização das Crenças

Considerando que o trabalho empírico efectuado nesta dissertação foca as crenças relativamente à violência no namoro é necessário realizar uma breve contextualização do que são as crenças bem como os estudos que têm sido realizados no âmbito das crenças na violência no namoro.

Uma crença pode ser definida como um pensamento, um sentimento ou uma predisposição para acreditar que algo é verdadeiro. Normalmente as crenças são vistas como involuntárias, moldadas através das evidências, independentes do contexto, dependentes daquilo que é considerado verdade e caracterizadas em diferentes graus (Hakli, 2006).

As crenças pessoais de cada indivíduo surgem através das interações que vão sendo estabelecidas com o mundo exterior, principalmente através da partilha de experiências e da transmissão das mesmas. A pessoa visualiza o mundo não só através do seu ponto de vista mas também do ponto de vista dos outros com quem interage. As crenças vão sendo então construídas em função do que os outros dizem ou pensam e do acordo interno estabelecido entre isto e o que o próprio sujeito pensa (Silva, Rodrigues, Diego & Lourenço, 2005 cit. in Machado, 2010).

A família tem um papel crucial na formação das crenças nos adolescentes e jovens. Isto acontece uma vez que é dentro do contexto familiar que estes vão adquirindo as suas primeiras experiências pessoais (Wagner, Falcke, & Meza, 1997). No entanto, a sociedade contribui também largamente para a construção de crenças, nomeadamente no que refere à identidade social atribuída aos homens e às mulheres. Por exemplo, às mulheres é atribuído o estereótipo de um ser humano relacional e emocional, enquanto os homens são vistos como racionais e afirmativos (Bertoldo & Barbará, 2006).

Um outro fenómeno relacionado com as crenças pessoais diz respeito às crenças do grupo. Isto significa que determinada crença de um grupo é uma função das crenças pessoais dos elementos que o constituem. No entanto estas crenças a nível grupal espelham mais as crenças de cada sujeito em específico do que do grupo em si (Hakli, 2006). Estas crenças de grupo podem demonstrar a influência que o grupo de pares apresenta nos comportamentos e atitudes dos jovens relativamente à aceitação ou não da violência na relação amorosa, como descrito anteriormente.

As crenças pessoais de cada sujeito estão ainda muito relacionadas com os comportamentos apresentados por estes (Maggioni, Riconscente & Alexander, 2006).

### 1.4.2. As Crenças na Violência no Namoro

As percepções dos adolescentes sobre a prevalência da violência no namoro e as suas próprias experiências de abuso podem moldar as suas crenças relativamente à violência no namoro, considerando-a como normativa, e influenciar negativamente as suas percepções sobre sexo seguro e relacionamentos saudáveis (Wingood, DiClemente, McCree, Harrington & Davies, 2001).

De acordo com os resultados obtidos por Caridade (2008), parecem existir diferenças relativamente às crenças nos homens e nas mulheres no que diz respeito à violência no namoro. Aparentemente, os homens legitimam mais a violência do que as mulheres, especialmente a violência menos grave, justificando-a através do comportamento da mulher e de causas externas que estes não podem controlar. É também de salientar que a aceitação da violência neste contexto tende a diminuir proporcionalmente ao aumento da idade dos sujeitos. Relativamente ao nível socioeconómico, meios mais desfavorecidos parecem ser indicadores de uma maior aceitação da violência. Resultados semelhantes foram encontrados por Ulloa, Jaycox, Skinner e Orsburn (2008) numa população de adolescentes latinos. Foi possível verificar que os rapazes apresentam maior probabilidade de perceberem o namoro violento como socialmente aceite do que as raparigas, e que têm uma menor probabilidade de rejeitar normas de namoro que aceitem a violência.

Por sua vez, Machado (2010), efectuou um estudo com adolescentes relativamente às crenças e representações sociais que estes apresentam relativamente à violência interpessoal. A autora verificou que as crenças mais comuns no que diz respeito à violência foram as seguintes: o álcool é o responsável pela violência; para que uma pessoa magoe alguém tem que existir um motivo; e a violência está relacionada com o poder de exercer controlo. Verificou-se também que os sujeitos do género masculino apresentam mais crenças erróneas relativamente à violência interpessoal.

É frequente os jovens que namoram possuírem a crença de que o outro é uma posse destes e que por isso têm o direito sobre o outro. Este direito justifica que controlem o parceiro, nomeadamente as roupas que veste, as pessoas com quem contacta e os locais que frequenta. Os actos de violência surgem quando o desejo de controlo é impedido na pessoa (Nascimento, 2009).

Relativamente à violência sexual, verifica-se que os homens agressores apresentam mais frequentemente crenças tradicionalistas, maior aceitação da violência e da violação do que os homens não agressivos. Por outro lado, as mulheres vítimas de violência apresentam maior aceitação da violência e da violação contra as mulheres (Muehlenhard & Linton, 1987 cit. in Jackson, 1999). No que diz respeito à relação entre experiências negativas recentes no namoro e crenças, verifica-se que as pessoas que estiveram expostas a experiências psicológicas negativas recentemente apresentam expectativas diferentes em relação às normas sobre violência. Estes sujeitos parecem incluir como aceitáveis nas suas crenças sobre o namoro a coerção, a dominância e o conflito (Ulloa, Jaycox, Skinner & Orsburn, 2008).

Num estudo efectuado por Lichter e McCloskey (2004), verificou-se que os jovens expostos à violência conjugal enquanto crianças apresentam maiores probabilidades de desenvolverem atitudes condescendentes relativamente ao uso da violência como meio de resolução de conflito numa relação. Igualmente, aqueles jovens que apresentam crenças de que o marido deveria ter uma posição de dominância perante a esposa, perpetuam e mantêm mais frequentemente a violência num namoro do que os jovens com crenças menos tradicionais dos papéis familiares.

Possuir a crença de que a violência não é justificada parece reduzir os riscos de vitimização de violência no namoro nos rapazes. Analogamente, crenças de que a violência no namoro não é causada pelo consumo de substâncias ou doença mental reduzem o risco de perpetuação desta violência por raparigas e rapazes respectivamente (McDonell, Ott & Mitchell, 2010). As crenças pessoais podem levar os agressores a desvalorizar a necessidade de modificarem os seus comportamentos de violência e simultaneamente implicar que as vítimas permaneçam na relação, desvalorizando o acto da violência. Conhecer as crenças existentes relativamente à violência no namoro é importante na medida que permite uma melhor compreensão das reacções dos sujeitos envolvidos nesta problemática, bem como do enquadramento cultural em que se inserem (Machado, Matos & Gonçalves, 2006). Entender em específico a ligação entre as crenças dos jovens em relação à violência no namoro e o género revela-se igualmente importante. Este conhecimento permite, entre outros aspectos, programar prevenções específicas nesta área da violência (Jackson, 1999).

## 1.5. Programas de Prevenção

A prevenção da violência é indispensável para a diminuição dos danos causados e para a promoção da saúde e do bem-estar (Wekerle & Tanaka, 2010). Uma vez que o estudo efectuado incidiu na aplicação de um programa de prevenção da violência no namoro com jovens raparigas, é notória a importância de explorar as prevenções efectuadas neste âmbito, nomeadamente ao nível dos programas realizados em grupo.

Como qualquer outra prevenção, a prevenção no namoro pode ser implementada tendo em consideração se é uma prevenção primária, secundária ou terciária. Numa intervenção primária, o público-alvo da prevenção deverá ser aquele que nunca teve contacto com a violência nas relações amorosas e portanto pretende-se que consigam continuar assim. Por sua vez, a prevenção secundária intervém apenas com grupos de risco, isto é, aqueles que se encontram mais vulneráveis para vir a sofrer de violência no namoro, por exemplo, indivíduos vítimas de violência parental. Por último, uma intervenção terciária incide sobre aqueles que já se encontram dentro do contexto da violência no namoro, quer sejam vítimas ou perpetradores (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006).

No entanto, independentemente do tipo de prevenção seleccionada, os esforços desta prevenção devem-se focar num contexto abrangente, não salientando apenas um tipo de

comportamento violento ou um factor de risco, mas sim toda a envolvente da problemática da violência no namoro (Zurbriggen, 2009).

A prevenção da violência no namoro deverá numa fase inicial pretender diminuir o grau de incidência da mesma. Para alcançar este objectivo deve-se implementar medidas que incluam uma identificação do problema, uma intervenção específica e meios de medir os resultados alcançados (Close, 2005). Uma vez que quer rapazes quer raparigas podem ser vítimas ou perpetradores da violência física e psicológica, é relevante que a prevenção efectuada englobe ambos os géneros. Por outro lado, uma vez que as mulheres parecem ser maioritariamente as vítimas de violência sexual, os programas de prevenção para evitar a perpetuação da mesma devem-se focar nos rapazes (Teten, Ball, Valle, Noonan & Rosenbluth, 2009). No entanto, como já referido anteriormente, os factores de risco que tornam a pessoa mais vulnerável à perpetuação de violência contra o(a) namorado(a) parecem diferir consoante o género. Por esta razão, torna-se pertinente que o foco da prevenção da violência nos rapazes e nas raparigas seja diferente. Isto leva a que as temáticas abordadas e os métodos utilizados nos programas de intervenção sejam escolhidos consoante as necessidades da população-alvo (Baker & Stith, 2008).

É importante educar os jovens para a violência no namoro alertando para a sua definição e consequências e para o facto de que os conflitos não devem ser resolvidos através do uso da violência física ou verbal (Smith, Winokur & Palenski, 2005). Deve-se também transmitir aos jovens que as comunicações negativas com os outros originam padrões de interacção negativos que se tornam rapidamente estáveis (Fritz & Slep, 2009). A transmissão de informação relativamente aos factores de risco da violência interpessoal aumenta o *empowerment* dos sujeitos para evitarem e/ou enfrentarem relações abusivas (Danis & Anderson, 2008). É necessário que os técnicos de saúde e os educadores ensinem aptidões sociais aos adolescentes, para que estes possam substituir o uso do abuso físico e psicológico e consigam controlar comportamentos nas suas relações de namoro. A oportunidade de poder reavaliar crenças sobre os papéis de género deve estar também presente nos programas de prevenção da violência no namoro (James, West, Deters & Armijo, 2000).

Deste modo, muitas das intervenções preventivas realizadas neste âmbito têm apostado nos programas de prevenção psico-educativos incidindo principalmente no conhecimento sobre a violência e o comportamento sexual e no aperfeiçoamento das competências relacionais (Lowe, Jones & Banks, 2007). Estas intervenções fazem uso de estratégias como o role-play, jogos interactivos, projectos relacionados com as artes ou actividades didácticas. Estas estratégias são formas de manter o nível de interesse dos sujeitos na intervenção enquanto simultaneamente são transmitidas informações importantes (Close, 2005).

A implementação de programas de prevenção da violência durante o período da adolescência, nomeadamente ao nível da violência nas relações de namoro, aparenta ser um factor protector da violência futura nos relacionamentos amorosos dos jovens adultos e posteriormente da violência doméstica (Smith, White & Holland, 2003). É importante existir

um conhecimento adequado dos factores de risco que potenciam a violência no namoro para que se possam implementar acções preventivas adequadas (Caridade & Machado, 2008).

A prevenção primária da violência nas relações de namoro deve ser direccionada para os jovens adolescentes antes de estes iniciarem estas relações. Desta forma, as abordagens realizadas devem visar as crianças do ensino básico ou mais novas e devem incluir os pais, professores, auxiliares e as entidades envolvidas no contexto mais próximo dos estudantes. Um dos objectivos principais deve partir por tornar a violência numa resposta não aceitável na comunidade em que a prevenção for efectuada (Fredland, Ricardo, Campbell, Sharps, Kub & Yonas, 2005). É possível afirmar-se que a prevenção primária deverá ocorrer ainda antes dos 13 anos, uma vez que resultados indicam que nesta idade já existe, ainda que em menor proporção, relações de namoro violentas (Foshee et al, 2009). Se os indícios da violência no namoro são encontrados em estágios de desenvolvimento precoce, torna-se pertinente que as intervenções realizadas com sucesso se foquem nestas fases de desenvolvimento (Zurbriggen, 2009).

Parece ser também essencial que a intervenção tenha em atenção primeiramente os grupos que se encontram em maior risco de se envolverem em relações de namoro caracterizadas pela violência (Roark, 1987 cit. in Schwartz, Griffin, Russell & Frontaura-Duck, 2006). Alguns dos grupos que se encontram em maior risco de envolvimento em namoros violentos são aqueles cujos seus elementos constituintes são jovens pertencentes a minorias étnicas (Connolly, Friedlander, Pepler, Craig & Laporte, 2010).

Uma vez que, como indicado anteriormente, o pico de maior violência no namoro (pelo menos a violência física e sexual) ocorre por volta dos 16 e 17 anos e depois começa a diminuir, esta idade parece ser oportuna para a realização de intervenções de prevenção secundária (Foshee et al, 2009).

Devido à complexidade que a temática da violência no namoro apresenta, a implementação de planos de prevenção desta violência pode ocorrer de diversas formas e incidir em diferentes vertentes. Em seguida é apresentado de uma forma breve algumas das intervenções já realizadas nesta área e alguns dos principais princípios para a implementação eficaz de programas de prevenção.

Ao implementar-se um programa que vise a prevenção da violência no namoro deve-se ter em consideração alguns princípios gerais que permitam o sucesso do mesmo. Estes princípios são (Nation et al, 2003 cit. in Ting, 2009):

- *Abrangência*: as estratégias utilizadas devem visar múltiplos componentes e afectar diversos contextos para abranger o maior número de factores relacionados com a temática.

- *Métodos de Ensino Variados*: as estratégias devem incluir diferentes métodos de ensino.

- *Dosagem Suficiente*: para que o programa surta efeito é necessário que os participantes estejam expostos a actividades suficientes.

- *Racional Teórico*: as estratégias escolhidas para os programas devem ser sustentadas por um racional lógico e científico.

- *Relacionamentos Positivos*: os programas devem promover entre os participantes os relacionamentos positivos, estáveis e fortes.

- *Tempo Adequado*: as actividades do programa devem ocorrer num tempo de desenvolvimento que produza o maior impacto possível na vida dos participantes.

- *Relevância Sócio-Cultural*: os programas de prevenção devem ser construídos consoante as crenças e práticas de grupos e comunidades específicas.

- *Avaliação dos Resultados*: é necessário efectuar uma avaliação sistemática para determinar se o programa de prevenção foi eficaz.

- *Equipa treinada*: os elementos responsáveis pela implementação das actividades dos programas devem ser pessoas sensíveis, competentes e terem recebido formação, suporte e supervisão suficientes.

Rosen e Bezold (1996) realizaram um programa de intervenção baseado nos grupos de apoio didáctico. O objectivo principal do presente programa foi permitir aos participantes adquirir *empowerment* que os permitisse envolverem-se numa relação de intimidade de forma segura e justa. O programa foi aplicado a três grupos de jovens universitárias, compostos entre 3 a 5 elementos, em 9 sessões com duração de 1h cada. Os resultados do programa foram avaliados através de *focus group*. Esta avaliação permitiu perceber que as jovens adquiriram novas perspectivas sobre relacionamentos, auto-eficácia, comunicação e respeito, que consideraram como ganhos primários.

Por sua vez Lowe, Jones e Banks (2007), aplicaram nos EUA um programa psico-educacional de curto prazo destinado a alunos do nono ano de escolaridade. Este programa contou com o apoio de uma rede social constituída por quatro entidades, entre elas uma entidade de resposta em caso de violação e outra de prevenção de gravidez na adolescência. O programa decorreu ao longo de quatro dias em diferentes escolas, nas aulas de saúde. Cada entidade participante foi responsável por 1h de trabalho com os alunos, incidindo sobre a sua área de especialidade. As actividades realizadas basearam-se em actividades de grupo, debates, visualização de filmes, entre outras. Os resultados obtidos neste estudo demonstraram um impacto positivo nas atitudes dos alunos relativamente aos comportamentos numa relação amorosa e no conhecimento sobre sexualidade.

Schwartz, Griffin, Russell e Frontaura-Duck (2006), realizaram uma intervenção psicoeducacional com os objectivos de aumentar os níveis de consciência em relação à violência no namoro, bem como ensinar capacidades e modificar atitudes em relação à mesma. Esta intervenção foi efectuada com jovens a residir em fraternidades no ensino universitário. Os objectivos da presente intervenção foram essencialmente: aumentar a consciência relativamente à contribuição que os estereótipos de género têm na violência no namoro, identificar as diferentes formas de violência numa relação, descobrir estratégias para evitar relacionamentos violentos e aumentar a responsabilidade social envolta no assunto da violência no namoro. A intervenção foi levada a cabo através do grupo de pares. Isto é, num primeiro momento foram formados alunos universitários que posteriormente tornaram-se formadores de outros alunos. No decorrer da intervenção foram utilizadas, por

exemplo, vinhetas, debates em painel e leituras educativas incidindo na escalada do abuso físico e psicológico, formas de violência e estratégias para a evitar, entre outros. Relativamente aos resultados obtidos nesta intervenção, verificou-se que de um modo geral as atitudes dos participantes relativamente à violência no namoro, em particular as atitudes sobre os estereótipos, diminuíram.

Os programas de intervenção efectuados a partir do grupo de pares demonstram ser eficazes nos seus resultados. Existe uma maior aproximação dos participantes aos programas quando estes são aplicados através do grupo de pares. Isto acontece porque ocorre uma maior identificação com a cultura dos intervenientes, sendo as informações apresentadas e as actividades realizadas percebidas como mais relevantes (Weisz & Black, 2010).

Um outro programa de prevenção de relevo é designado de “*Safe Dates*”. Este programa foi realizado por Foshee, Bauman, Arriaga, Helms, Koch e Linder (1998) e visa a prevenção primária e secundária. Este programa é constituído por actividades em escolas e em comunidades, sendo que as actividades realizadas nas escolas têm como objectivo uma prevenção primária e as actividades realizadas na comunidade o objectivo de uma prevenção secundária. As actividades que ocorreram no contexto escolar foram: uma peça de teatro realizada pelo grupo de pares, um currículo de 10 sessões e um concurso de posters. Por sua vez, as actividades da comunidade englobaram: serviços especializados para adolescentes vítimas de relações abusivas (exemplo, linha de apoio e grupos de apoio) e serviços de formação. Alguns sujeitos foram submetidos aos dois tipos de prevenção enquanto outros apenas foram expostos às actividades da comunidade. Nos resultados obtidos verificou-se que os sujeitos expostos a ambas actividades apresentaram menor perpetuação de abuso psicológico contra o actual parceiro. Igualmente, os sujeitos deste grupo aceitaram menos as normas de violência no namoro, perceberam menos consequências positivas e mais consequências negativas do uso da violência, apresentaram mais capacidades de comunicação em resposta a situações de raiva, estavam menos envolvidos nos estereótipos de género e conheciam mais os serviços existentes em relação à problemática. De um modo geral, a perpetuação da violência psicológica diminuiu 25%, a perpetuação da violência sexual 60% e a perpetuação global da violência contra o actual namorado(a) diminuiu igualmente 60%.

Em Portugal Matos, Machado, Caridade e Silva (2006), desenvolveram dois ensaios exploratórios em duas escolas secundárias visando a prevenção da violência. A intervenção realizada apresentou como principais objectivos: promover a aquisição de conhecimentos gerais sobre a violência no namoro, consciencializar os alunos para a dimensão deste problema na sociedade, capacitar os jovens para reconhecer situações íntimas abusivas, identificar e provocar mudanças relativamente às crenças socioculturais que sustentam a violência nas relações de intimidade, dotar os jovens com competências para gerir a violência no namoro e informá-los sobre os recursos existentes na sociedade para responder a essa problemática. Algumas actividades realizadas na intervenção dizem respeito a discussões e análises, brainstorming, panfletos, resolução de casos específicos e apresentação de dados concretos. A avaliação da intervenção foi efectuada através da Escala de Crenças sobre

Violência Conjugal. Os resultados obtidos demonstraram que a tolerância à violência no namoro diminuiu após a intervenção, sendo que esta tolerância foi maior nos alunos mais jovens. Verificou-se também que certos mitos e crenças sobre a violência no namoro foram desmistificados nos alunos através desta intervenção.

Através de uma meta-análise realizada por Ting (2009) pode-se concluir que, de um modo geral, os programas de prevenção de violência no namoro realizados no ensino secundário são eficazes. Estes programas melhoram os conhecimentos e as atitudes dos participantes em relação a esta violência. Eles demonstram a importância da sua aplicação para diminuir a prevalência da violência no namoro e apontam para resultados bastante positivos na sua aplicação.

## Capítulo II - Estudo Empírico

### 2.1. Apresentação do Estudo

O presente estudo emergiu com a necessidade de se compreender o fenómeno da violência no namoro que, apesar do crescente número de investigações, só muito recentemente é que tem sido alvo de atenção. No entanto, existiu uma necessidade de se efectuar algo concreto, que fosse além da caracterização geral deste fenómeno, partindo desta forma para a intervenção uma vez que a violência no namoro tem vindo a demonstrar sinais alarmantes entre os jovens. Em simultâneo este estudo empírico ambicionou deixar algo palpável que pudesse servir como guia para futuras investigações e intervenções, tornando o trabalho existente em Portugal nesta área cada vez mais vasto.

Foram portanto objectivos específicos deste estudo:

i) Caracterizar as atitudes dos jovens face à relação de namoro, mais concretamente no que diz respeito às crenças que estes possuem sobre a tolerância/aceitação da violência física e psicológica nestes relacionamentos, e compreender as crenças específicas relativamente a esta tolerância/aceitação.

ii) Construir um programa de prevenção da violência no namoro, através da adaptação de um programa de intervenção já existente, que permita promover competências nos jovens para evitar relacionamentos violentos, efectuando portanto uma intervenção precoce.

iii) Verificar possíveis influências de um programa de prevenção da violência no namoro nas crenças que os jovens apresentam sobre a tolerância/aceitação desta violência contra o(a) namorado(a).

O estudo aqui apresentado caracteriza-se por ser um estudo quasi-experimental. Este facto justifica-se uma vez que existe uma manipulação na intervenção mas não é possível obter os participantes de uma forma aleatória. Além destes factores existe ainda a aplicação de um pré e pós-teste.

Relativamente ao programa de intervenção aplicado, é possível verificar na Figura 4 as principais temáticas e respectivos objectivos em que o programa se focou. Cada temática correspondeu a uma sessão que teve a duração aproximada de 2h. Para um conhecimento aprofundado da adaptação do programa criado foi construído um manual que se encontra em anexo e que contém a descrição global de todas as sessões.

Temática	Objectivos
<b>Construindo comunidade/ Como me vejo a mim própria</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender o processo grupal</li> <li>- Cooperar com o grupo</li> <li>- Reflexão pessoal</li> </ul>
<b>Estereótipos de género e sexualidade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Descrever estereótipos de género</li> <li>- Planear e praticar formas de derrubar esses estereótipos de género</li> <li>- Identificar diferentes tipos de actividade sexual</li> <li>-Praticar a comunicação e a afirmação em actividades sexuais saudáveis</li> </ul>
<b>Valores, Objectivos, Relacionamentos, Comunicação e Escolha</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver valores e objectivos pessoais</li> <li>- Distinguir valores de estratégias</li> <li>- Fazer a ligação entre valores, objectivos e relacionamentos.</li> <li>- Praticar mensagens claras - dizer não (ou sim)</li> <li>- Descrever e aplicar os princípios de tomada de decisão relacional e sexual</li> </ul>
<b>Violência e Raiva</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Considerar e relacionarem-se com os seus direitos pessoais</li> <li>- Compreender a raiva e a diferença entre sentimentos e acções</li> <li>- Explorar a ligação entre raiva e abuso de poder</li> <li>- Compreender a violência nos relacionamentos.</li> </ul>
<b>Assertividade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aprender as diferenças entre comportamento assertivo, passivo e agressivo</li> <li>- Desenvolver e praticar capacidades de assertividade</li> <li>- Examinar a ligação entre assertividade e aquisição de poder</li> </ul>

Figura 4. Temáticas e Objectivos das Sessões do Programa de Intervenção

## 2.2. Método

### 2.2.1. Participantes

Os participantes deste estudo empírico foram escolhidos por conveniência, devido em parte à necessidade de disponibilidade para participar nas sessões do programa de intervenção. Participaram neste estudo 28 alunos do 2º ano do 1º ciclo de Psicologia da Universidade da Beira Interior. No entanto, e devido à necessidade de homogeneidade de grupos, no final apenas foram incluídos 20 participantes. Destes 20 sujeitos 50,0% tinham idade compreendida entre os 18-19 anos e 40,0% idade entre os 20-21 anos, sendo que todos os participantes eram do sexo feminino e solteiros. Relativamente ao contexto habitacional, 55,0% dos sujeitos residia no meio rural. Quando questionados sobre as suas crenças religiosas 85,0% afirmou ser católico. Foi ainda possível averiguar, relativamente às habilitações académicas dos pais, que em 30,0% dos casos o pai frequentou a escolaridade até ao 4º ano, 25,0% até ao 12º ano e 20% até ao 9º ano. No caso da mãe, 35,0% estudou até ao 9º ano, 15,0% até ao 12º ano e 20,0% até ao 4º ano.

No que diz respeito às relações interpessoais, 60,0% dos sujeitos encontra-se actualmente numa relação de namoro e 75% já teve namorado no passado. Relativamente à existência de formações prévias no âmbito da violência no namoro 25,5% dos sujeitos afirmaram já ter presenciado algum género de formação. Verificou-se ainda que 25% dos sujeitos já se sentiram vítimas de violência no namoro.

Na Tabela 1 é apresentado de forma mais detalhada os dados sócio-demográficos que caracterizam os sujeitos participantes neste estudo.

Tabela 1.  
Caracterização Sócio-Demográfica dos Participantes

	N	(%)
<b>Idade</b>		
18-19	10	50,0
20-21	8	40,0
22-23	2	10,0
<b>Meio</b>		
Rural	11	55,0
Urbano	9	45,0
<b>Crenças Religiosas</b>		
Católico	17	85,0
Nenhuma	3	15,0
<b>Formação em Violência no Namoro</b>		
Sim	5	25,0
Não	15	75,0
<b>Namorado no presente</b>		
Sim	12	60,0
Não	8	40,0
<b>Namorado no passado</b>		
Não	5	25,0
Sim	15	75,0
<b>Vítima de Violência no namoro</b>		
Sim	5	25,0
Não	15	75,0

### 2.2.2. Instrumentos

No presente estudo foram utilizados dois instrumentos para a obtenção dos dados desejados: um Questionário Sócio-demográfico e a Escala de Crenças sobre Violência Conjugal.

- **Questionário Sócio-Demográfico**

Este questionário é constituído por um conjunto de itens relativos a características pessoais dos sujeitos como idade, género, local de residência, nível de escolaridade dos pais, envolvimento numa relação amorosa actual ou passada, entre outros. O questionário foi construído de forma a ser possível caracterizar a população em estudo, pretendendo-se obter com ele informações específicas sobre os sujeitos. Contudo, não se pretendeu com este questionário efectuar uma correlação entre as características sócio-demográficas dos sujeitos e as crenças relativas à aceitação da violência no namoro, mas sim caracterizar brevemente os participantes sobre os quais este estudo incidiu.

- **Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (E.C.V.C.)**

A E.C.V.C. foi o instrumento utilizado para avaliar as crenças dos participantes sobre a violência física e psicológica no namoro. A opção pela utilização da Escala de Crenças sobre Violência Conjugal ocorreu devido ao facto de, no momento de realização deste estudo, este ser um dos escassos instrumentos de avaliação das crenças sobre violência conjugal efectuado para a população portuguesa e ter demonstrado uma aplicação adequada e pertinente (Caridade, 2008; Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006).

Os resultados obtidos pela escala permitem, além de medir a tolerância/aceitação à violência conjugal, compreender crenças específicas relativamente a esta tolerância através de quatro factores avaliados: *Factor 1* - Legitimação e banalização da pequena violência, *Factor 2* - Legitimação da violência pela conduta da mulher, *Factor 3* - Legitimação da violência pela sua atribuição a causas externas e o *Factor 4* - Legitimação da violência pela preservação da privacidade familiar. A escala apresentada é do tipo Likert, constituída por 25 itens, com valores compreendidos entre 1 e 5, sendo que todos os itens são de sentido directo. As opções de resposta são “Discordo totalmente”, “Discordo”, “Não concordo nem discordo”, “Concordo” e “Concordo totalmente” (Machado, Matos & Gonçalves, 2006).

Uma vez que os itens da escala apresentada se encontram descritos para a violência conjugal, existiu uma necessidade de se efectuar uma adaptação da escala, essencialmente no que diz respeito aos termos utilizados, originando assim uma versão exploratória para a criação de uma Escala de Crenças da Violência no Namoro (E.C.V.N.). Esta análise exploratória utilizou um  $n=175$ , obtendo-se um *Alfa de Cronbach* de 0,91.

Foram ainda acrescentados alguns itens com o interesse de descrever outras crenças, nomeadamente em relação à intervenção no âmbito da violência no namoro, e verificar quais as principais causas que os jovens atribuem à violência no namoro. No entanto estes itens foram avaliados separadamente não integrando a E.C.V.C.

### 2.2.3. Procedimento

O procedimento e a recolha de dados deste estudo empírico foram planeados e executados de acordo com diferentes fases, estabelecidas de forma a alcançar todas as necessidades exigidas num estudo deste género.

Numa fase inicial procedeu-se à construção do Questionário Sócio-demográfico e do consentimento informado. Simultaneamente foram efectuados contactos com os alunos do 2º ano de Psicologia sobre a disponibilidade de participação no estudo, especialmente no programa de intervenção.

Num segundo momento foram aplicados os instrumentos de avaliação a todos os participantes durante uma aula, procedimento que ocorreu em Janeiro de 2011. A acompanhar os instrumentos de avaliação seguia o consentimento informado, contendo a descrição das principais características do estudo e o pedido de participação no mesmo. Este primeiro momento constituiu o pré-teste, e incluiu a participação dos elementos do grupo de controlo e do grupo experimental.

Após o pré-teste foi implementado o programa de prevenção da violência no namoro, a 9 dos participantes do estudo (grupo experimental). Este programa decorreu ao longo de 5 sessões semanais, com duração aproximada de 2h cada sessão, onde foram exploradas diversas temáticas e desenvolvidas diferentes actividades com vista a capacitar as jovens para identificar e evitar relacionamentos violentos. O grupo experimental foi constituído apenas por participantes do sexo feminino, tendo em consideração que o programa original deste programa foi construído apenas para raparigas. A aplicação do programa decorreu entre 3 e 28 de Março de 2011.

O pós-teste do estudo ocorreu aproximadamente um mês após a finalização do programa de prevenção, momento no qual foram aplicados novamente os mesmos instrumentos de avaliação a todos os participantes do estudo. Existiu uma necessidade de estabelecer um período de tempo entre a aplicação do programa de intervenção e o pós-teste, para que os resultados obtidos pudessem apresentar algum grau de estabilidade. Esta aplicação ocorreu de forma semelhante ao pré-teste, sendo que os instrumentos foram aplicados ao grupo de controlo e ao grupo experimental, durante uma aula.

Após a execução do pós-teste, e uma vez já recolhidos todos os dados necessários, procedeu-se à análise estatística dos mesmos com vista à obtenção de resultados e sua interpretação.

Para o tratamento dos dados recolhidos foi utilizado o programa de análise estatístico SPSS 19 (*Statistical Package for the Social Sciences*), tendo em consideração que a quase totalidade dos dados a tratar foram de natureza quantitativa.

Numa fase inicial foi realizada uma análise global dos dados para que fosse possível obter uma caracterização geral dos participantes, nomeadamente ao nível das características sócio-demográficas, com o objectivo de adquirir um conhecimento mais concreto sobre os participantes deste estudo.

A segunda fase de tratamento dos dados prendeu-se com a análise factorial da escala, para a obtenção de uma versão exploratória de uma escala de crenças específica para a violência no namoro. Para que fosse possível efectuar esta análise foi utilizado um  $n=175$ , onde já se encontram incluídos os 28 participantes iniciais deste estudo. Os restantes elementos foram obtidos através de um outro estudo que se encontra a decorrer, sob orientação do mesmo orientador, e onde foi utilizada a mesma versão da escala.

Posteriormente, existiu uma necessidade de avaliar o seguimento do pressuposto da normalidade da escala, para determinar quais os testes a aplicar. Por último foram aplicados o teste *t-student*, para a comparação de médias relativas a uma variável (pontuação total da escala e pontuação dos factores) entre o grupo de controlo e o grupo experimental, e o teste de Mann-Whitney U, para detectar a existência de diferenças significativas entre estes dois grupos no caso dos itens acrescentados e que não pertencem à escala.

## 2.3. Resultados

### 2.3.1. Resultados Psicométricos da E.C.V.N.

Numa fase inicial procedemos a uma análise dos itens pertencentes à E.C.V.C.. Nesta análise verificou-se que os três primeiros itens pertencentes à mesma apresentavam uma correlação inferior a 0,35 com o total da escala. Estes resultados levaram a exclusão dos mesmos, obtendo-se assim uma versão exploratória da Escala de Crenças sobre Violência no Namoro (E.C.V.N.), que apresenta um total de 22 itens, com  $M=54,86$ , e *Alfa de Cronbach* de 0,91.

De forma a avaliar a estrutura dimensional da E.C.V.N. recorreu-se a uma análise factorial exploratória, através do método de componentes principais com rotação Varimax. Este método permite averiguar a existência ou não de diferentes domínios na escala em questão. A análise contou com um  $n=175$ .

Inicialmente foi efectuado o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de Esfericidade de Bartlett. No teste KMO obteve-se um valor de 0,904, o que indica que existe uma análise factorial satisfatória ( $>0,6$ ). Por sua vez o teste de Esfericidade de Bartlett apresenta uma significância de 0.000, o que indica que as variáveis são correlacionáveis pois existem diferenças estatisticamente significativas ( $p<0,05$ ) (Pallant, 2003). A análise factorial realizada indica a presença de 4 componentes na E.C.V.N., como se pode constatar na Tabela 2, que explicam 55,790% da variância total.

Tabela 2.

Variância total explicada após Rotação Varimax

Componentes	Total	% de Variância	% Cumulativa
1	4,759	21,634	21,634
2	3,089	14,041	35,675
3	2,249	10,221	45,896
4	2,177	9,894	55,790

A Tabela 3 indica os itens que compõe cada dimensão da E.C.V.N.

Tabela 3.

Matriz de Componentes após Rotação

	Componente			
	1	2	3	4
ECVC4				,730
ECVC5		,458		
ECVC6		,642		
ECVC7		,573		
ECVC8		,739		
ECVC9		,696		
ECVC10		,481	,589	
ECVC11			,572	
ECVC12	,692			
ECVC13	,657			
ECVC14	,789			
ECVC15				,781
ECVC16	,598			
ECVC17		,402		,488
ECVC18			,593	
ECVC19	,530	,467		
ECVC20	,717			
ECVC21				,523
ECVC22	,684			
ECVC23	,421		,553	
ECVC24	,715			
ECVC25	,530		,433	

Os 4 componentes emergentes demonstram a existência de 4 factores específicos que podem ser avaliados na E.C.V.N., designados como:

Factor 1: Banalização da violência no namoro (itens 12,13,14,16,19, 20, 22, 24, 25)

Factor 2: Desculpabilização e atribuição da violência no namoro com base em estereótipos de género (itens 5, 6, 7, 8, 9)

Factor 3: Justificação da violência no namoro devido a factores externos e desresponsabilização (itens 10, 11, 18, 23)

Factor 4: Privacidade da violência no namoro (itens 4, 15, 17, 21)

No que diz respeito ao *Alfa de Cronbach* de cada factor verifica-se que o factor 1 apresenta um alfa de 0,799 e o factor 3 um alfa de 0,773. Por sua vez o factor 2 apresenta um alfa de 0,598 e o factor 4 um alfa de 0,599. Uma vez que o factor 2 e 4 apresentam valores inferiores a 0,7, qualquer análise destes factores deve ser efectuada com prudência.

### 2.3.2. Resultados com base na E.C.V.N.

Após a análise factorial da escala foi efectuada uma avaliação do seguimento do pressuposto de normalidade para determinar quais os testes estatísticos a aplicar no tratamento dos dados. Desta forma utilizou-se o teste de Kolmogorov-Smirnov para analisar a distribuição da pontuação total da E.C.V.N. e dos factores resultantes.

Tabela 4.

Teste de Kolmogorov-Smirnov para a pontuação total da escala e dos factores da E.C.V.N.

	Kolmogorov-Smirnov <sup>a</sup>			Shapiro-Wilk		
	Estatística	df	Sig.	Estatística	df	Sig.
Total	,111	20	,200	,934	20	,187
Factor1	,193	20	,049	,908	20	,058
Factor2	,183	20	,077	,901	20	0,42
Factor3	,162	20	,178	,879	20	,017
Factor4	,209	20	,022	,915	20	,080

Os valores obtidos indicam que a pontuação da escala e o factor 2 e 3 seguem uma distribuição normal uma vez que  $Sig. > 0,05$ . Visto que a escala e estes dois factores apresentam uma distribuição normal foi necessário utilizar o teste t-student para análise de duas amostras independentes de forma a comparar as médias das pontuações obtidas pelo grupo experimental e pelo grupo de controlo, no pré e no pós-teste. Relativamente ao factor 1 e 4, optou-se por utilizar o teste Mann-Whitney U como alternativa não-paramétrica.

Tabela 5.

Estatística do Grupo para o teste t-student no pré-teste

	N	Média	Desvio-Padrão	Média do Desvio-Padrão
Experimental	9	39,0000	11,32475	3,77492
Controlo	11	36,1818	7,80792	2,35418

Tabela 6.

Teste Amostras Independentes pré-teste

Teste Levene		t-test para igualdade de médias				
F.	Sig.	t	df	p	Diferença de M	Diferença DP
,522	,479	,658	18	,519	2,81818	4,28454

É possível constatar que a pontuação média da escala para o grupo experimental é de 39,0 e para o grupo de controlo é de 36,2 no momento inicial deste estudo. O teste de Levene não é significativo (Sig.>0,05) o que indica a homogeneidade de variâncias. Uma vez que  $p>0,05$ , não existem diferenças estatisticamente significativas entre a média das pontuações dos dois grupos.

Tabela 7.

Estatística do Grupo para o teste t-student no pós-teste

	N	Média	Desvio-Padrão	Média do Desvio-Padrão
Experimental	9	37,5556	7,97043	2,65681
Controlo	11	38,7273	10,84519	3,26995

Tabela 8.

Teste Amostras Independentes pós-teste

Teste Levene		t-test para igualdade de médias				
F.	Sig.	t	df	p	Diferença de M	Diferença DP
2,437	,136	-,269	18	,791	-1,17172	4,34795

Os valores obtidos indicam que no pós-teste o grupo experimental obteve uma média de pontuação da escala de 37,6 e o grupo de controlo uma média de 38,7. Existe uma homogeneidade de variâncias uma vez que Sig.=0,136. Contudo, como  $p=0,791$  ( $p>0,05$ ), não existem diferenças estatisticamente significativas entre a média das pontuações obtidas em ambos os grupos.

Considerando que a análise factorial da escala revelou a existência de quatro factores para a mesma, é oportuno analisar os valores obtidos por ambos os grupos nas duas condições

experimentais. Apesar de apenas o factor 1 e 3 apresentarem um *Alfa de Chronbach* superior a 0,7, são apresentados os valores obtidos para os quatro factores.

*Factor 1 - Banalização da violência no namoro*

Tabela 9.

Classificação do factor 1 no pré-teste

	contr_vs_exper	N	M Classificação	Soma Classificação
Factor1	experimental	9	10,11	91,00
	controlo	11	10,82	119,00

Tabela 10.

Estatística do teste para classificação do factor 1 no pré-teste

	Factor1
Mann-Whitney U	46,000
Wilcoxon W	91,000
Z	-,268
p	,789

Os resultados demonstram que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as pontuações obtidas pelos dois grupos no que diz respeito ao factor 1, no pré-teste. No entanto verificam-se pontuações semelhantes entre os grupos.

Tabela 11.

Classificação do factor 1 no pós-teste

	contr_vs_exper	N	M Classificação	Soma Classificação
Factor1	experimental	9	9,28	83,50
	controlo	11	11,50	126,50

Tabela 12.

Estatística do teste para classificação do factor 1 no pós-teste

	Factor1
Mann-Whitney U	38,500
Wilcoxon W	83,500
Z	-,840
p	,401

Após o pós-teste verificou-se uma diferença de dois pontos entre os grupos, no entanto esta diferença não é estatisticamente significativa uma vez que  $p > 0,05$ .

*Factor 2 - Desculpabilização e atribuição da violência no namoro com base em estereótipos de género*

Tabela 13.

Estatística do Grupo para o teste t-student do factor 2 no pré-teste

	N	Média	Desvio-Padrão	Média do Desvio-Padrão
Experimental	9	9,8889	2,71314	,90438
Controlo	11	8,0909	1,92117	,57926

Tabela 14.

Teste Amostras Independentes factor 2 pré-teste

Teste Levene		t-test para igualdade de médias				
F.	Sig.	t	df	p	Diferença de M	Diferença DP
,110	,744	1,734	18	,100	1,79798	1,03691

Os resultados obtidos indicam uma pontuação média de 9,9 para o grupo experimental e uma média de 8,1 para o grupo de controlo no pré-teste, relativamente ao segundo factor da escala. Contudo não existem diferenças estatisticamente significativas ( $p > 0,05$ ).

Tabela 15.

Estatística do Grupo para o teste t-student do factor 2 no pós-teste

	N	Média	Desvio-Padrão	Média do Desvio-Padrão
Experimental	9	10,1111	2,36878	,78959
Controlo	11	8,7273	2,61116	,78730

Tabela 16.

Teste Amostras Independentes factor 2 pós-teste

Teste Levene		t-test para igualdade de médias				
F.	Sig.	t	df	p	Diferença de M	Diferença DP
,429	,521	1,228	18	,235	1,38384	1,12651

No pós-teste para o factor 2 verifica-se novamente que não existem diferenças estatisticamente significativas, sendo que o grupo de controlo obtém uma pontuação média de 10,1 e o grupo experimental de 8,7.

*Factor 3 - Justificação da violência no namoro devido a factores externos e desresponsabilização*

Tabela 17.

Estatística do Grupo para o teste t-student do factor 3 no pré-teste

	N	Média	Desvio-Padrão	Média do Desvio-Padrão
Experimental	9	8,8889	3,37062	1,12354
Controlo	11	7,9091	2,58668	,77991

Tabela 18.

Teste Amostras Independentes factor 3 pré-teste

Teste Levene		t-test para igualdade de médias				
F.	Sig.	t	df	p	Diferença de M	Diferença DP
,000	,986	,736	18	,471	,97980	1,33080

Relativamente ao terceiro factor da escala, no momento do pré-teste, o grupo experimental apresenta uma  $M=8,9$  e o grupo de controlo uma  $M=7,9$ . Não existem no entanto diferenças estatisticamente significativas ( $p=0,471$ ).

Tabela 19.

Estatística do Grupo para o teste t-student do factor 3 no pós-teste

	N	Média	Desvio-Padrão	Média do Desvio-Padrão
Experimental	9	8,2222	2,58736	,86245
Controlo	11	7,9091	2,46798	,74412

Tabela 20.

Teste Amostras Independentes factor 3 pós-teste

Teste Levene		t-test para igualdade de médias				
F.	Sig.	t	df	p	Diferença de M	Diferença DP
0,121	,732	,276	18	,785	,31313	1,13344

Os resultados do pós-teste, relativamente ao terceiro factor da escala, indicam que o grupo experimental apresenta uma  $M=8,2$  e o grupo de controlo uma  $M=7,9$ , não existindo diferenças estatisticamente significativas.

*Factor 4 - Privacidade da violência no namoro*

Tabela 21.

Classificação do factor 4 no pré-teste

	contr_vs_exper	N	M Classificação	Soma Classificação
Factor4	experimental	9	10,22	92,00
	controlo	11	10,73	118,00

Tabela 22.

Estatística do teste para classificação do factor 4 no pré-teste

	Factor4
Mann-Whitney U	47,000
Wilcoxon W	92,000
Z	-,193
<i>p</i>	,847

No que concerne às pontuações obtidas no factor 4, verifica-se que as médias são semelhantes entre os grupos no pré-teste. No entanto não se pode afirmar que estas diferenças são estatisticamente significativas uma vez que  $p=0,847$ .

Tabela 23.

Classificação do factor 4 no pós-teste

	contr_vs_exper	N	M Classificação	Soma Classificação
Factor4	experimental	9	8,89	80,00
	controlo	11	11,82	130,00

Tabela 24.

Estatística do teste para classificação do factor 4 no pós-teste

	Factor4
Mann-Whitney U	35,000
Wilcoxon W	80,000
Z	-1,131
<i>p</i>	,258

Os resultados obtidos no pós-teste para o quarto factor demonstram que não existem, novamente, diferenças estatisticamente significativas nas pontuações apresentadas pelo grupo experimental e grupo de controlo.

### 2.3.3. Resultados com base em itens tipo Likert

Após a análise dos quatro factores, foi efectuada uma análise dos itens acrescentados à escala, relativos por exemplo a crenças sobre a prevenção da violência no namoro, à importância de ajudar vítimas e agressores e a valorização deste género de violência. Para executar a análise dos dados foi utilizado o teste Mann-Whitney U, uma vez que as variáveis são ordinais e existe uma necessidade de comparar dois grupos independentes. Este teste representa a alternativa não-paramétrica ao teste t-student.

Tabela 25.

Classificação dos itens individuais no pré-teste

	contr_vs_exper	N	M Classificação	Soma Classificação
EC26	experimental	9	11,33	102,00
	controlo	11	9,82	108,00
EC27	experimental	9	11,56	104,00
	controlo	11	9,64	106,00
EC28	experimental	9	15,39	138,50
	controlo	11	6,50	71,50
EC29	experimental	9	9,83	88,50
	controlo	11	11,05	121,50
EC30	experimental	9	10,94	98,50
	controlo	11	10,14	111,50
EC31	experimental	9	12,39	111,50
	controlo	11	8,95	98,50
EC32	experimental	9	10,11	91,00
	controlo	11	10,82	119,00
EC33	experimental	9	10,83	97,50
	controlo	11	10,23	112,50
EC34	experimental	9	12,39	111,50
	controlo	11	8,95	98,50
EC35	experimental	9	11,06	99,50
	controlo	11	10,05	110,50
EC36	experimental	9	13,39	120,50
	controlo	11	8,14	89,50

Tabela 26.

Estatística do teste para classificação dos itens individuais no pré-teste

	EC26	EC27	EC28	EC29	EC30	EC31	EC32	EC33	EC34	EC35	EC36
Mann-Whitney U	42,0	40,0	5,5	43,5	45,5	32,5	46,0	46,5	32,5	44,5	23,5
Wilcoxon W	108,0	106,0	71,5	88,5	111,5	98,5	91,0	112,5	98,5	110,5	89,5
Z	-,649	-,837	-3,935	-,517	-,358	-1,427	-,352	-,287	-1,625	-,414	-2,325
p	,517	,403	,000	,605	,721	,153	,725	,774	,104	,679	,020

É possível verificar que, no pré-teste, apenas dois itens apresentam uma diferença estatisticamente significativa entre o grupo de controlo e o grupo experimental:

- EC28: “É importante disponibilizar ajuda aos agressores para evitarem comportamentos agressivos”

- EC36: “ Num namoro deve existir igualdade de poder em ambos os elementos do casal”.

Relativamente ao item EC28, o grupo experimental demonstra uma concordância maior com a necessidade de disponibilização de ajuda aos agressores, com uma média de 15,39. No que diz respeito ao item EC36 o grupo experimental apresenta novamente maior nível de concordância que o grupo de controlo quanto à existência de igualdade no casal. No que concerne aos restantes itens, na maioria dos casos as pontuações médias são semelhantes em ambos os grupos.

Tabela 27.

Estatística do teste para classificação dos itens individuais no pós-teste

	EC26	EC27	EC28	EC29	EC30	EC31	EC32	EC33	EC34	EC35	EC36
Mann-Whitney U	47,5	48,0	36,5	34,0	30,0	33,5	41,0	42,5	37,0	42,5	36,5
Wilcoxon W	92,5	93,0	102,5	79,0	75,0	99,5	86,0	87,5	103,0	87,5	102,5
Z	-,173	-,138	-1,096	-1,338	-1,717	-1,431	-,927	-,669	-1,265	-,600	-1,307
p	,863	,890	,273	,181	,086	,152	,354	,503	,206	,549	,191

Tabela 28.  
Classificação dos itens individuais no pós-teste

	contr_vs_exper	N	M Classificação	Soma da Classificação
P.EC26	experimental	9	10,28	92,50
	controlo	11	10,68	117,50
P.EC27	experimental	9	10,33	93,00
	controlo	11	10,64	117,00
P.EC28	experimental	9	11,94	107,50
	controlo	11	9,32	102,50
P.EC29	experimental	9	8,78	79,00
	controlo	11	11,91	131,00
P.EC30	experimental	9	8,33	75,00
	controlo	11	12,27	135,00
P.EC31	experimental	9	12,28	110,50
	controlo	11	9,05	99,50
P.EC32	experimental	9	9,56	86,00
	controlo	11	11,27	124,00
P.EC33	experimental	9	9,72	87,50
	controlo	11	11,14	122,50
P.EC34	experimental	9	11,89	107,00
	controlo	11	9,36	103,00
P.EC35	experimental	9	9,72	87,50
	controlo	11	11,14	122,50
P.EC36	experimental	9	11,94	107,50
	controlo	11	9,32	102,50

Na análise dos itens em questão relativamente ao pós-teste verifica-se que nenhum dos itens apresenta uma diferença estatisticamente significativa, pelo que não é possível efectuar nenhuma constatação relativamente a alterações entre o pré e o pós teste para os dois grupos. É ainda possível acrescentar que as pontuações médias dos grupos são similares nesta condição experimental.

#### 2.3.4. Resultados com base nas atribuições de causalidade

No que concerne às causas que os participantes atribuem para a ocorrência de violência no namoro, foi possível verificar que os sujeitos percebem como primeiro factor de violência os ciúmes, com uma percentagem de 40%, como segundo factor o álcool com uma percentagem de 25% e em terceiro lugar, com 25%, o consumo de substâncias ilícitas. É ainda de referir que outras das causas de violência no namoro mais percebidas pelos participantes se prendem, por exemplo, com a infidelidade e a desconfiança em relação ao parceiro.

Contudo, ao se analisar as causas apontadas pelo grupo experimental no momento pré e pós-teste, é possível constatar algumas alterações. Num momento inicial, as jovens deste grupo percebem com maior frequência os ciúmes, os estereótipos de género, o consumo de substâncias e os problemas pessoais como factores precipitantes da violência no namoro. No entanto, no segundo momento de avaliação verifica-se que estas jovens atribuem como causa primordial da violência no namoro a infidelidade de um dos elementos do casal, seguindo-se dos ciúmes e por último do consumo de álcool.

## 2.4. Discussão dos Resultados

O estudo empírico em questão baseou-se num programa de prevenção da violência no namoro que abrangeu um conjunto de aspectos e não se focou apenas num só comportamento específico, pretendendo assim alcançar uma eficácia mais elevada (e.g. Zurbriggen, 2009). A adaptação efectuada do programa manteve o foco nas competências relacionais e pessoais como os valores, a comunicação, os objectivos e a assertividade, bem como nos comportamentos sexuais e na violência. De acordo com a literatura (Lowe, Jones & Bankes, 2007), estas são áreas essenciais a abranger pelos programas de prevenção da violência no namoro. As actividades incluídas no programa de prevenção foram actividades com uma vertente didáctica, como por exemplo o role-play, o que permitiu uma maior aproximação às jovens bem como o aumento do interesse nas sessões (e.g. Close, 2005).

Um aspecto a ter em conta para o funcionamento adequado de um programa de intervenção é as atitudes dos participantes face ao mesmo. A forma como encaram a intervenção pode contribuir para uma implementação eficaz e adequada do mesmo. Neste estudo, foi visível o interesse e a participação de todas as jovens em relação às actividades efectuadas e ao programa de intervenção na sua globalidade. Este facto facilitou a execução de todas as sessões integrantes do programa. Igualmente importante é o modo como as jovens percebem a utilidade da participação em programas deste género. O facto de compreenderem a utilidade do mesmo pode aumentar a motivação face à sua participação.

Durante a realização do presente estudo foi possível obter uma versão exploratória de uma Escala de Crenças sobre Violência no Namoro, com base na Escala de Crenças sobre Violência Conjugal. A versão obtida é constituída por 22 itens e avalia quatro factores específicos. Esta escala permitiu que existisse uma maior aproximação ao contexto das relações de namoro, retirando um pouco a atenção das relações conjugais, que apresentam características ligeiramente diferentes.

Neste estudo foram constituídos dois grupos com vista à obtenção de um grupo experimental, para a aplicação do programa, e um grupo de controlo, que permitisse a realização de uma comparação de possíveis diferenças alcançadas após o programa de intervenção. O grupo experimental foi criado através dos elementos que demonstraram motivação e expectativas em relação à participação no programa. Os resultados obtidos pela análise estatística indicaram contudo que existe uma homogeneidade dos grupos, uma vez

que não existem diferenças estatisticamente significativas. Este facto não permite portanto justificar uma comparação de resultados entre as medidas pré e pós-teste.

No que diz respeito aos resultados obtidos com recurso à E.C.V.N. estes demonstraram que não existem diferenças significativas no que diz respeito à diminuição do nível de aceitação da violência no namoro após a implementação do programa de prevenção. Contudo é possível constatar que existe uma diminuição da pontuação média total da escala obtida pelas participantes do programa após o mesmo. Apesar de esta diminuição não ser significativa, quando comparada com a média do grupo de controlo, ela demonstra que existe uma alteração residual nas atitudes face à violência no namoro.

Ao nível dos factores da E.C.V.N. é igualmente visível que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos. Uma vez que apenas o factor 1 e o factor 3 apresentam um *alfa de Cronbach* superior a 0,7, são os únicos factores que poderiam permitir fazer interpretações caso existissem diferenças estatisticamente significativas. Contudo, verificam-se ligeiras diminuições de pontuações entre o pré e pós-teste no grupo experimental, contrariamente ao que se constata no grupo de controlo, para estes dois factores apesar de não serem significativas. Estas diferenças residuais podem indicar que o programa de intervenção apresenta alguma eficácia no que diz respeito à diminuição da aceitação da banalização da violência e da sua justificação devido a factores externos ou à desresponsabilização.

Existem diversos factores que podem explicar o porquê de não ter sido possível detectar diferenças entre os participantes quando introduzido um programa de prevenção da violência no namoro. Um dos principais factores é o facto de a modificação de crenças ser um processo difícil e gradual. A alteração de crenças pessoais ocorre em geral de uma forma muito lenta e é necessária uma grande quantidade de informações persuasivas para que a crença se altere, ao contrário da criação de novas crenças que surge de uma forma mais fácil e breve (Myers, 2004). Por outro lado é visível que a pontuação média do total dos participantes é baixa, considerando que a pontuação da escala varia entre os 25 e os 125 pontos. Isto indica que já existe uma reduzida aceitação da violência numa relação de namoro entre estas jovens. A natureza do grupo de participantes pode contribuir para que o uso da violência não seja facilmente aceite pelos mesmos, nomeadamente devido ao nível de ensino e à licenciatura que se encontram a frequentar. Desta forma, seria pertinente, a existência de estudos semelhantes mas com diferentes grupos, onde se pudesse avaliar a causalidade das características dos participantes e a sua aceitação da violência.

Com a realização deste estudo foi possível avaliar ainda as crenças dos dois grupos de participantes relativamente à necessidade de se intervir na violência no namoro, no valor que a sociedade atribui a esta violência, na disponibilização de ajuda a vítimas e agressores, na relação interpessoal com o(a) namorado(a) (comunicação, igualdade de poder, tomada de decisões), entre outras. Constatou-se que ambos os grupos apresentavam pontuações semelhantes em relação a estas crenças, com excepção da importância de disponibilizar ajuda aos agressores e da necessidade de existir igualdade de poder em ambos os elementos

do casal. Nestes dois casos foi possível verificar que as jovens do grupo experimental, no momento de pré-teste, atribuíram maior importância a estes factores do que as jovens do grupo de controlo. O facto do grupo experimental ter alcançado uma pontuação maior nestes dois itens no pós-teste, pode ter ocorrido devido a factores externos ao estudo, nomeadamente a existência de algumas acções de sensibilização sobre violência no namoro que decorreram na universidade.

Numa breve análise, foi possível constatar ainda que a violência no namoro está presente nos jovens universitários, ocorrendo em 25% dos participantes. Estes dados apresentam algumas semelhanças com os valores obtidos por outros estudos, portugueses e internacionais, que apontam para a existência de uma vítima de violência no namoro em cada quatro jovens (Caridade, 2008; James, West, Deters & Armijo, 2000).

As causas apontadas neste estudo pelas jovens universitárias para a ocorrência da violência nos relacionamentos incidem sobretudo nos ciúmes, consumo de álcool (e.g. Machado, 2010) e consumo de substâncias ilícitas (e.g. McDonell, Ott & Mitchell, 2010), não esquecendo também problemas relacionais entre o casal como por exemplo a infidelidade (e.g. Black & Weisz, 2004) e a desconfiança. Relativamente ao grupo experimental, foi possível verificar algumas diferenças nas causas percebidas pelas jovens antes e depois do programa, que poderão eventualmente ser justificadas pelas temáticas abordadas no programa de prevenção. Estes factores parecem indicar que o aparecimento de comportamentos violentos na relação de namoro surge quer devido a causas internas quer a causas externas, o que vai de acordo com a literatura existente (e.g. Howard & Wang, 2003; Mahlstedt, Falcone & Rice-Spring, 1993; Ramisetty-Mikler, Goebert, Nishimura & Caetano, 2006).

A prevalência da violência nas relações íntimas dos jovens e a existência de causas externas e internas aos mesmos para a violência são dois factores que justificam a necessidade de se implementarem programas de prevenção entre esta população. Deste modo, considerou-se oportuno implementar um programa que pudesse modificar as atitudes das jovens face a aceitação da violência e que as capacitasse para evitarem o envolvimento em relações não saudáveis.



## Conclusão

De um modo global é possível referir que a adaptação do programa de prevenção da violência no namoro seguiu as características gerais dos programas já desenvolvidos neste âmbito, nomeadamente ao nível das áreas visadas pelo mesmo e da natureza das actividades e estratégias utilizadas.

Com este estudo foi também possível obter uma versão exploratória da Escala de Crenças sobre Violência no Namoro. Esta escala revela-se importante na medida em que permite uma maior especificidade do género de relacionamento em causa, substituindo o nível conjugal pelo namoro. O seu grau de consistência interna foi elevado, o que permite uma confiança nos resultados obtidos.

A nível global, os resultados da investigação não demonstraram, contudo, a existência de diferenças significativas alcançadas através do programa de prevenção no que concerne às crenças pessoais das jovens. Como já foi referido, este facto pode ser explicado devido ao processo lento e gradual característico da mudança de crenças.

Foi ainda possível verificar que a violência está ou já esteve presente nas relações de namoro de algumas das jovens universitárias, o que demonstra a veracidade da problemática em questão. Por último foi visível a atribuição quer de causas internas quer de causas externas para a justificação de ocorrência deste género de violência.

Como em qualquer investigação, existiram algumas limitações visíveis neste estudo empírico. Em primeiro lugar destaca-se o reduzido número de participantes, que impede a representatividade dos dados e a generalização de possíveis interpretações, não permitindo a obtenção de diferenças estatisticamente significativas. Em segundo lugar podemos apontar a constituição do grupo, uma vez que não foi constituído de forma aleatória, e devido à sua natureza específica nomeadamente no que diz respeito às características dos participantes (por exemplo, nível de ensino e a média de idades). Por último, o curto espaço de tempo decorrido entre o desenvolvimento do programa de prevenção da violência no namoro e a aplicação do pós-teste pode ser visto como uma limitação. Isto acontece uma vez que as crenças pessoais são relativamente estáveis e a sua modificação decorre de um processo lento e gradual. Uma avaliação mais espaçada no tempo poderia apresentar resultados diferentes dos verificados neste estudo.

Devido às limitações do estudo, sugere-se para trabalhos futuros o desenvolvimento de outras investigações com participantes que apresentem características sócio-demográficas diferentes, como o nível de ensino, o meio cultural e as idades. Poderá também ser relevante analisar a eficácia de um programa de prevenção através de uma avaliação realizada num maior intervalo de tempo.



## Referências Bibliográficas

- Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo - Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6 (1), 105-120
- Álvaro, J. L. & Garrido, A. (2007). *Psicologia Social: Perspectivas Psicológicas e Sociológicas*. São Paulo: McGraw-Hill
- Baker, C. R. & Stith, S. M. (2008). Factors Predicting Dating Violence Perpetration Among Male and Female College Students. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 17 (2), 227-244. DOI:10.1080/10926770802344836
- Bertoldo, R. B. & Barbará, A. (2006). Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens. *Psico-USF*, 11 (2), 229-237
- Black, B. M. & Weisz, A. N. (2004). Dating Violence: A Qualitative Analysis of Mexican American Youths' Views. *Journal of Ethic & Cultural Diversity in Social Work*, 13 (3), 69-90. DOI:10.1300/J051v13n03\_04
- Callahan, M. R., Tolman, R.M. & Saunders (2003). Adolescent Dating Violence Victimization and Psychological Well-Being. *Journal of Adolescent Research*, 18 (6) 664-681. DOI:10.1177/0743558403254784
- Caridade, S. M. M. (2008). *Violência nas relações de intimidade: Comportamentos e atitudes dos jovens*. Tese de Doutorado não-publicada. Minho: Universidade do Minho
- Caridade, S. & Machado, C. (2008). Violência Sexual no Namoro: Relevância da Prevenção. *Psicologia*, 21 (1), 77-104
- Caridade, S. & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24 (4), 485-493
- Charkow, W. B. & Nelson, E. S. (2000). Relationship Dependency, Dating Violence, and Scripts of Female College Students. *Journal of College Counseling*, 3, 17-28
- Close, S. M. (2005). Dating Violence Prevention in Middle School and High School Youth. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 18 (1), 2-9

- Connolly, J., Friedlander, L., Pepler, D., Craig, W. & Laporte, L. (2010). The Ecology of Adolescent Dating Aggression: Attitudes, Relationships, Media Use, and Socio-Demographic Risk Factors. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 19 (5), 469-491. DOI:10.1080/10926771.2010.495028
- Dahlberg, L. L. & Krug, E. G. (2007). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência e Saúde Colectiva*, 11, 1163-1178
- Danis, F. S. & Anderson, K. M. (2008). An Underserved Population and Untapped Resource: A Preliminary Study of Collegiate Sorority Response to Dating Violence. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 17 (3), 336-351. DOI:10.1080/10926770802406478
- Ellis, W. E., Crooks, C. V. & Wolfe, D. A. (2009). Relational Aggression in Peer and Dating Relationships: Links to Psychological and Behavioral Adjustment. *Social Development*, 18 (2), 253-269. DOI:10.1111/j.1467-9507.2008.00468.x
- Feldman (2001). *Compreender a Psicologia* (5ª Ed.). Lisboa: McGraw-Hill
- Foshee, V. A., Bauman, K. E., Arriaga, X. B., Helms, R. W., Koch, G. G., & Linder, G. F. (1998). An Evaluation of Safe Dates, an Adolescent Dating Violence Prevention Program. *American Journal of Public Health*, 88 (1), 45-50
- Foshee, V. A., Benefield, T., Suchindran, C., Ennett, S. T., Bauman, K. E., Karriker-Jaffe, K. J., Reyes, H. L. M. & Mathias, J. (2009). The Development of Four Types of Adolescent Dating Abuse Selected Demographic Correlates. *Journal of Research on Adolescence*, 19 (3), 380-400
- Fredland, N. M., Ricardo, I. B., Campbell, J. C., Sharps, P. W., Kub, J. K. & Yonas, M. (2005). The Meaning of Dating Violence in the Lives of Middle School Adolescents: A Report of a Focus Group Study. *Journal of School Violence*, 4 (2), 95-114. DOI:10.1300/J202v04n02\_06
- Fritz, P. A. T. & Slep, A. M. S. (2009). Stability of Physical and Psychological Adolescent Dating Aggression Across Time and Partners. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 38 (3), 303-314. DOI:10.1080/15374410902851671
- Gomes, A. M. A. & Miguel, N. (2000). *Educação Sexual só para Jovens* (4ª Ed.). Lisboa: Texto Editora

- Haberyan, A. e Kibler, J. (2008). Physical Violence in Rural and Urban Midwestern Adolescent Dating Relationships. *Psychology Journal*, 5 (3), 158-164
- Hakli, R. (2006). Group beliefs and the distinction between belief and acceptance. *Cognitive Systems Research*, 7, 286-297. DOI:10.1016/j.cogsys.2005.11.013
- Harrison, L. A. & Abrishami, G. (2004). Dating Violence Attributions: Do They Differ for In-Group and Out-Group Members Who Have a History of Dating Violence? *Sex Roles*, 51 (9/10), 543-550
- Herrman, J. W. (2009). There's a Fine Line...Adolescent Dating Violence and Prevention. *Pediatric Nursing*, 35 (3), 164-170
- Howard, D., Qiu, Y. & Boekeloo, B. (2003). Personal and Social Contextual Correlates of Adolescent Dating Violence. *Journal of Adolescent Health*, 33 (1), 9-17. DOI:10.1016/S1054-139X(03)00061-2
- Howard, D. E. & Wang, M. Q. (2003). Risk Profiles of Adolescent Girls Who Were Victims of Dating Violence. *Adolescence*, 38 (149)
- Ismail, F., Berman, H. & Ward-Griffin, C. (2007). Dating Violence and the Health of Young Women: A Feminist Narrative Study. *Health Care for Women International*, 28 (5), 453-477. DOI:10.1080/07399330701226438
- Jackson, S. M. (1999). Issues in the Dating Violence Research: A Review of the Literature. *Aggression and Violent Behavior*, 4 (2), 233-247
- James, W. H., West, C., Deters, K. E. & Armijo, E. (2000). Youth Dating Violence. *Adolescence*, 35 (139)
- Kaura, S. A. & Lohman, B. J. (2007). Dating Violence Victimization, Relationship Satisfaction, Mental Health Problems, and Acceptability of Violence: A Comparison of Men and Women. *Journal of Family Violence*, 22, 367-381. DOI:10.1007/s10896-007-9092-0
- Kerig, P. K. (2010). Adolescent Dating Violence in Context: Introduction and Overview. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 19 (5), 465-468. DOI:10.1080/10926771.2010.495033

- Kimberg, L. S. (2008). Addressing Intimate Partner Violence with Male Patients: A Review and Introduction of Pilot Guidelines. *Journal of General Internal Medicine*, 23 (12), 2071-2078. DOI:10.1007/s11606-008-0755-1
- Lehrer, J. A., Lehrer, E. L. & Zhao, Z. (2009). Physical and psychological dating violence in young men and women in Chile: results from a 2005 survey of university students. *International Journal of Injury Control and Safety Promotion*, 16 (4), 205-214. DOI:10.1080/17457300903307003
- Leisring, P. A. (2009). What Will Happen if I Punch Him? Expected Consequences of Female Violence Against Male Dating Partners. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 18, 739-751. DOI:10.1080/10926770903231726
- Lichter, E. L. & McCloskey, L. A. (2004). The Effects of Childhood Exposure to Marital Violence on Adolescent Gender-Roles Beliefs and Dating Violence. *Psychology of Women Quarterly*, 28, 344-357
- Lowe, L. A., Jones, C. D., & Banks, L. (2007). Preventing Dating Violence in Public Schools. *Journal of School Violence*, 6 (3), 69-87. DOI:10.1300/J202v06n03\_05
- Machado, L. M. G. S. (2010). *Crenças e Representações Sociais dos Adolescentes sobre a Violência Interpessoal*. Tese de Mestrado não publicada. Porto: Universidade Fernando Pessoa
- Machado, C., Matos, M. & Gonçalves, M. M. (2006). *Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (E.C.V.C) e Inventário de Violência Conjugal (I.V.C.)*. Universidade do Minho
- Maggioni, L., Riconscente, M. M. & Alexander, P. A. (2006). Perceptions of knowledge and beliefs among undergraduate students in Italy and in the United States. *Learning and Instruction*, 16, 467-491. DOI:10.1016/j.learninstruc.2006.09.006
- Mahlstedt, D., Falcone, D. J. & Rice-Spring, L. (1993). Dating Violence Education: What do Students Learn? *The Journal of Human Justice*, 4 (2), 101-118
- Marcus, R. F. (2004). Dating Partners' Responses to Simulated Dating Conflict: Violence Chronicity Expectations, and Emotional Quality of Relationship. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs*, 130 (2), 163-188

- Matos, M., Machado, C., Caridade, S. & Silva, M. J. (2006). Prevenção da Violência nas Relações de Namoro: Intervenção com Jovens em Contexto Escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8 (1), 55-75
- McDonell, J., Ott, J. & Mitchell, M. (2010). Predicting dating violence victimization and perpetration among middle and high school students in a rural southern community. *Children and Youth Services Review*, 32, 1458-1463. DOI:10.1016/j.childyouth.2010.07.001
- Michener, H. A., DeLamater, J. D. & Myers, D. J. (2005). *Psicologia Social*. São Paulo: Thomson
- Miller, S., Gorman-Smith, D., Sullivan, T., Orpinas, P. & Simon, T. R. (2009). Parent and Peer Predictors of Physical Dating Violence Perpetration in Early Adolescence: Tests of Moderation and Gender Differences. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 38 (4), 538-550. DOI:10.1080/15374410902976270
- Minayo, M. C. S. (1994). A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública. *Cadernos de Saúde Pública*, 10 (1), 7-18
- Molidor, C. & Tolman, R. M. (1998). Gender and Contextual Factors in Adolescent Dating Violence. *Violence Against Women*, 4 (2), 180-194
- Murray, C. E. & Kardatzke, K. N. (2007). Dating Violence Among College Students: Key Issues for College Counselors. *Journal of College Counseling*, 10, 79-89
- Myers, D. G. (2004). *Psicología Social* (6ª Ed.). Colombia: McGraw-Hill
- Nascimento, F. S. (2009). *Namoro e Violência: um estudo sobre amor, namoro e violência, entre jovens de grupos populares e camadas médias*. Tese de Mestrado não publicada. Recife: Universidade Federal de Pernambuco
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5 (2), 243-272
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2003). Abuso no Contexto do Relacionamento Íntimo com o Companheiro: Definição, Prevalência, Causas e Efeitos. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 4 (2), 165-184

- Pallant, J. (2003). *SPSS Survival Manual*. Philadelphia: Open University Press
- Ramisetty-Mikler, S., Goebert, D., Nishimura, S. & Caetano, R. (2006). Dating Violence Victimization: Associated Drinking and Sexual Risk Behaviors of Asian, Native Hawaiian, and Caucasian High School Students in Hawaii. *Journal of School Health, 76* (8), 423-429
- Rizzo, C. J. (2009). Family and peer contexts shape teen perceptions of dating violence. *Child and Adolescent Behavior Letter, 25* (7). DOI: 10.1002/cbl.20095
- Rosen, K. H. & Bezold, A. (1996). Dating Violence Prevention: A Didactic Support Group for Young Women. *Journal of Counseling & Development, 74*, 521-525
- Schwartz, J. P., Griffin, L.D., Russell, M. M. & Frontaura-Duck, S. (2006). Prevention of Dating Violence on College Campuses: An Innovative Program. *Journal of College Counseling, 9*, 90-96
- Sears, H. A. & Byers, E. S. (2010). Adolescent Girls' and Boys' Experiences of Psychologically, Physically, and Sexually Aggressive Behaviors in Their Dating Relationships: Co-Occurrence and Emotional Reaction. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 19* (5), 517-539. DOI:10.1080/10926771.2010.495035
- Silverman, J. G., Raj, A. & Clements, K. (2004). Dating Violence and Associated Sexual Risk and Pregnancy Among Adolescent Girls in the United States. *Pediatrics, 114* (2), 220-225. DOI:10.1542/peds.114.2.e.220
- Smith, D. M. & Donnelly, J. (2000). Adolescent Dating Violence: A Multi-Systemic Approach of Enhancing Awareness in Educators, Parents, and Society. *Journal of Prevention & Intervention in the Community, 21* (1), 53-64. DOI:10.1300/J005v21n01\_04
- Smith, A., Winokur, K. & Palenski, J. (2005). What Is Dating Violence? An Exploratory Study of Hispanic Adolescent Definitions. *Journal of Ethnicity in Criminal Justice, 3*, 1-20. DOI:10.1300/J222v03n01\_01
- Smith, P. H., White, J. W. & Holland, L. J. (2003). A Longitudinal Perspective on Dating Violence Among Adolescent and College-Age Women. *American Journal of Public Health, 93* (7), 1104-1109

- Straus, M. A. (2004). Prevalence of Violence Against Dating Partners by Male and Female University Students Worldwide. *Violence Against Women*, 10 (7), 790-811. DOI:10.1177/1077801204265552
- Teten, A. L., Ball, B., Valle, L. A., Noonan, R. & Rosenbluth, B. (2009). Considerations for the Definition, Measurement, Consequences, and Prevention of Dating Violence Victimization among Adolescent Girls. *Journal of Women's Health*, 18 (7), 923-927. DOI:10.1089/jwh.2009.1515
- Ting, S. R. (2009). Meta-Analysis on Dating Violence Prevention Among Middle and High Schools. *Journal of School Violence*, 8 (4), 328-337. DOI:10.1080/15388220903130197
- Toscano, S. E. (2007). A grounded theory of female adolescents' dating experiences and factors influencing safety: the dynamics of the Circle. *BMC Nursing*, 6 (7). DOI:10.1186/1472-6955-6-7
- Ulloa, E. C., Jaycox, L. H., Skinner, S. K. & Orsburn, M. M. (2008). Attitudes about Violence and Dating Among Latino/a Boys and Girls. *Journal of Ethnic And Cultural Diversity in Social Work*, 17 (2), 157-176. DOI:10.1080/15313200801941721
- Wagner, A., Falcke, D. & Meza, E. B. D. (1997). Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projecto de vida. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10 (1). DOI:10.1590/S0102-79721997000100011
- Weisz, A. N. & Black, B. M. (2010). Peer Education and Leadership in Dating Violence Prevention: Strengths and Challenge. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 19 (6), 641-660. DOI:10.1080/10926771.2010.502089
- Wekerle, C. & Tanaka, M. (2010). Adolescent Dating Violence Research and Violence Prevention: An Opportunity to Support Health Outcomes. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 19 (6), 681-698. DOI:10.1080/10926771.2010.502097
- White, J. W. (2009). A Gender Approach to Adolescent Dating Violence: Conceptual and Methodological Issues. *Psychology of Women Quarterly*, 33, 1-15
- WHO (2002). *World Report on Violence and Health*. Geneva: World Health Organization
- Wingood, G. M., DiClemente, R. J., McCree, D. H., Harrington, K. & Davies, S. L. (2001). Dating Violence and the Sexual Health of Black Adolescent Females. *Pediatrics*, 107 (5). DOI:10.1542/peds.107.5.e72

Zurbriggen, E. L. (2009). Understanding and Preventing Adolescent Dating Violence: The Importance of Developmental, Sociocultural, and Gendered Perspectives. *Psychology of Women Quarterly*, 33, 30-33